



**Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Medicina da Bahia
Memorial da Medicina Brasileira**



Esta obra pertence ao acervo histórico da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia, sob a guarda da Bibliotheca Gonçalo Moniz – Memória da Saúde Brasileira, e foi digitalizada pela equipe do Laboratório de Preservação do Memorial da Medicina Brasileira.



MEMORIAL DA MEDICINA BRASILEIRA

Julho de 2024

Memorial da Medicina Brasileira – Faculdade de Medicina da Bahia
Largo do Terreiro de Jesus, s/n, Pelourinho - Salvador - Bahia - Brasil

www.bgm.fameb.ufba.br
bibgm@ufba.br

EX-LIBRIS

BIBLIOTHECA GONÇALO MONIZ
MEMÓRIA DA SAÚDE BRASILEIRA • ZINI



Faculdade de Medicina da Bahia

THESE

Apresentada á

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Em 4 de Novembro de 1902

PARA SER DEFENDIDA

POR

Oscar Freire de Carvalho

NATURAL DO ESTADO DA BAHIA

Afim de obter o gráo de Doutor em Medicina

DISSERTAÇÃO

CADEIRA DE MEDICINA LEGAL

*Etiologia das formas concretas da religiosidade
no Norte do Brasil*

(Introdução a um estudo de psycho-sociologia criminal)

PROPOSIÇÕES

Tres sobre cada uma das cadeiras do curso de sciencias
medico-cirurgicas

Il est une chose, qu'on ne peut pas sacrifier: c'est son *moi*, son être interieur. La vocation est un torrent, qu'on ne peut refouler, ni barrer, ni contraindre. Il s'ouvrira toujours un passage vers l'Océan.

IBSEN «BRAND» trad. franc. «Act. II.
p. 61.

... je veux être moi dans toute l'acception du terme.

IBSEN «PEER GYNT» trad franc «Act. IV
p. 127.»

BAHIA

LITHO-TYP. E ENCADERNAÇÃO REIS & C.

Rua Conselheiro Dantas, n. 22

1902

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

Director—DR. ALFREDO BRITTO

Vice-Director—DR. ALEXANDRE E. DE CASTRO CERQUEIRA

LENTES

Os Cidadãos Drs.

Materias que leccionam

José Rodrigues da Costa Dorea.....	Historia na ural medica.
José Olympio de Azevedo.....	Chimica m'dica.
José Carneiro de Campos.....	Anatomia descriptiva.
Antonio Pacifico Pereira.....	Histologia.
Manoel José de Araujo.....	Physiologia.
Augusto Cezar Vianna.....	Bacteriologia.
Antonio Victorio de Araujo Falcão.....	Materia medica, Pharmacologia e arte de formular.
Guilherme Pereira Rebello.....	Anatomia e physiologia pathologicas.
Aurelio Rodrigues Vianna.....	Pathologia medica.
Ignacio Monteiro de Almeida Gouveia...	Pathologia cirurgica,
Fortunato Augusto da Silva Junior...	Operações e apparatus.
Carlos Freitas.....	Anatomia medico-cirurgica.
José E. Freire de Carvalho Filho.....	Therapeutica.
Deocleciano Ramos.....	Obstetricia.
Joaquim Matheus dos Santos.....	Hygiene.
Raymundo Nina Rodrigues.....	Medicina legal e toxicologia.
Alfredo Britto.....	Clinica propedeutica.
Alexandre E. de Castro Cerqueira...	Clinica dermatologica e syphiligraphica
Antonio Pacheco Mendes.....	Clinica cirurgica, 1.ª cadeira.
Manoel Victorino Pereira.....	Clinica cirurgica, 2.ª cadeira.
Anisio Circundes de Carvalho.....	Clinica medica, 1.ª cadeira.
Francisco Braulio Pereira.....	Clinica medica, 2.ª cadeira.
Francisco dos Santos Pereira.....	Clinica opthalmologica.
Frederico de Castro Rebello.....	Clinica pediatrica.
Climerio Cardoso de Oliveira.....	Clinica obstetrica e gynecologica.
João Tillemon Fontes.....	Clinica psiquiatrica e de mol. nervosas
Luiz Anselmo da Fonseca.....	} Em disponibilidade.
João E. de Castro Cerqueira.....	
Sebastião Cardoso.....	

SUBSTITUTOS

Os Cidadãos Drs.

Os Cidadãos Drs.

..... 1.ª Secção.	Pedro da Luz Carrascosa, 7.ª Secção.
Gonçalo M. S. de Aragão, 2.ª	8.ª
Pedro Luiz Celestino, 3.ª	Alfredo F. de Magalhães, 9.ª
Josino Correia Cotias, 4.ª	Clodoaldo de Andrade, 10.ª
Braz do Amaral..... 5.ª	Carlos Ferreira Santos, 11.ª
João A. Garcéz Fróes, 6.ª	Juliano Moreira, 12.ª

Secretario—Dr. Menandro dos Reis Meirelles

Sub-Secretario — Dr. Matheus Vaz de Oliveira

A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emittidas nas theses que lhe são apresentadas.



**Etiologia das formas concretas da religiosidade
no Norte do Brasil**

I

(Introdução á um estudo psycho-sociologia criminal)

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

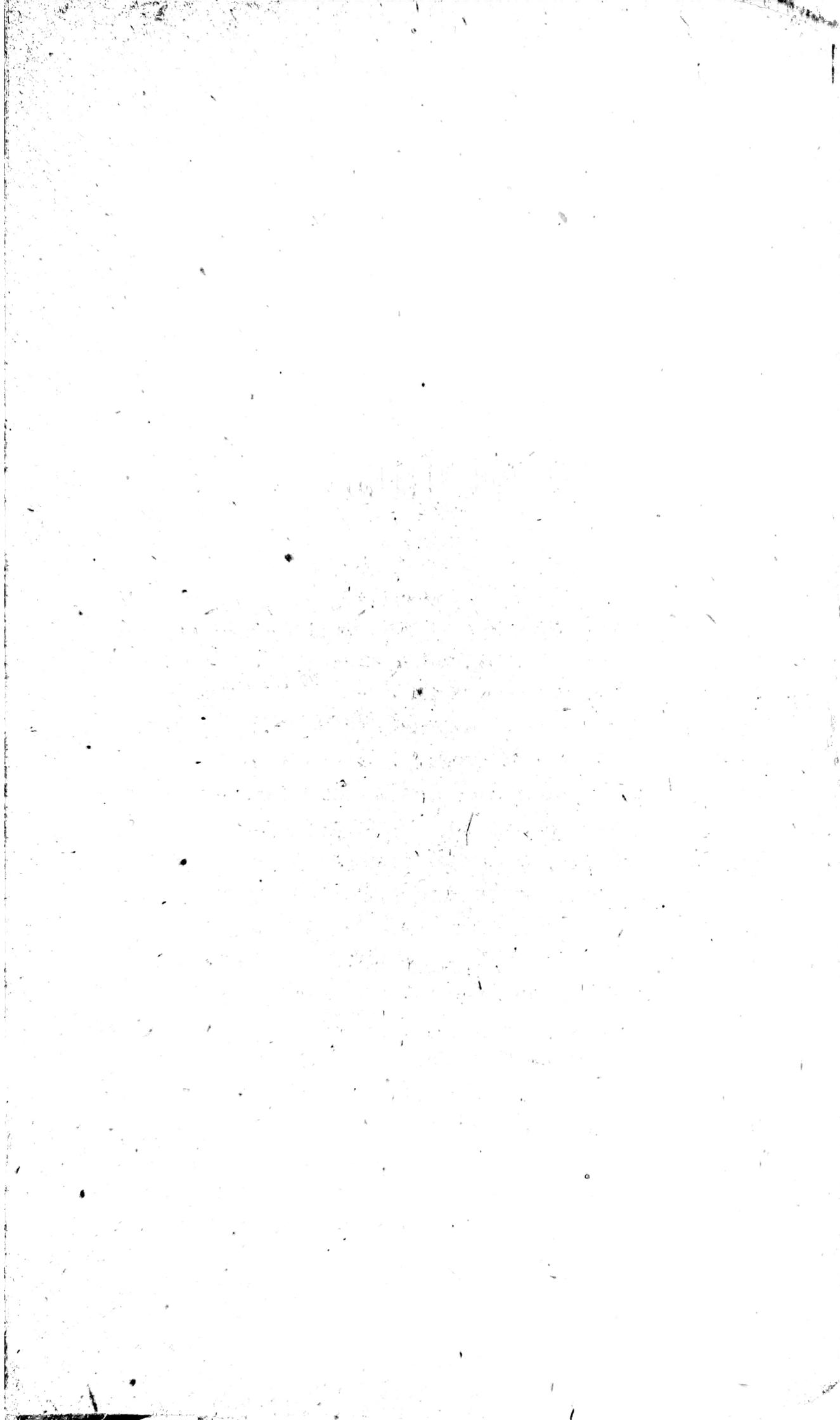
DO AUCTOR AO LEITOR

C'est ici un livre de bonne foy, lecteur.

(MONTAIGNE-ESSAIS-I-I)

© *Freire.*

Bahia 4 de Novembro de 1902.*



«Naturæ vero rerum vis majestas in
omnibus momentis fide caret atque si quis
modo partes ejus ac non totam comple-
ctatur animo».

(*Flinio* -- *Hist. Nat. L. VII c. I.*)

E sphingica, incrustada na densa treva dos mysterios, envolta num veo incorruptivel de admiraveis bellezas, desde os momentos mais longinquos da Prehistoria, a Natureza, tanto que reflectia a harmonia admiravel de sua tecitura nas emoções do homem, incitava-o a revolver-lhe os segredos, sondar-lhe os intimos arcanos, apresentando-se-lhe como o magno problema, cuja explicação carecia immediata. Em meio as florestas inhospitas, contingente e fraco sentia o homem dos primeiros tempos, por toda parte um susurro de vozes que lhe fallavam de sobrenaturaes omnipotencias, mesquinho e atemorizado para elle todo o movimento era a manifestação perfeita de potencias vivas, de sobrehumanas vontades, deixando-se, assim, carente do protector abrigo de uma esperanza, emballar na musica suave do primeiro sonho, fruindo na realisção desse primeiro desejo um elemento basico de sua elevação futura. No estrugir tonitroante das tempestades plenas. da luz pallida dos raios mortificos, no ulular da ventania macabra, gemendo nas quebradas adustas dos rochedos ou nas franças dos arvoredos esquivos, na musica

melancholica e monotona do mar, nos cataclymas cosmicos como na pequenez zoonica, na natureza inanimada como nas formas da vida, nos ceos azues recamados de estrellas como no variegar luxuriante dos prados, havia para seo cerebro toda a historia fantastica de seres superiores que a sua vóntade dispunham da ordem da natureza.

E em o regaço dessa « Mãe carinhosa », que acepilhava, seo cerebro rudo, que lhe ensinara a fallar, concebeo a lisonja maxima do pantheismo primitivo. O medo e a admiração, num consubstanciar de esperanças, haviam gerado a primeira religião, feito o primeiro, deus, architectando o primeiro esboço de explicação dos phenomenos da natureza.

Unde etiam nunc est mortalibus insitus horror.

Qui delubra deum nova toto suscitavit orbi...
proclamava LUCRECIO (1).

Primus in orbe deos fecit timor... exclamava
PETRONIO.

Nata no dorso verde de promissora esperança a primeira religião, no esforço de explicar a natureza, tornou-se o centro primordial de condensação da nebulosa da Sciencia, que de differenciação em defferenciação na ordem crescente de heterogeneidade, iria em porvindouras eras, numa ascendencia prodigiosa á culminancia, em apparencia inatingivel do positivismo scientifico hodierno.

Nessas camadas indecisas, de fraca cohesão, das perquirições iniciaes da humanidade já se vê surgir a tentativa de abranger o conjuncto do universo, de abraçar numa só explicação todos os phenomenos do mundo, desde os que se passam na superficie da terra até os que se succedem no silencio magestoso dos espaços intersideraes. Ahi se devem procurar os germens da historia da ideia da unidade applicada á natureza, a sulcar triumphantemente a face dos seculos.

Jamais sabio digno deste nome houve, philosophia alguma se elevou, sem considerar detidamente a phenomenisação da natureza tanto em suas partes como em seu conjuncto; de PLATÃO e ARISTOTELES a DESCARTES, LEIBNIZ, SPINOSA, KANT, SCHELLING, HEGEL, COMTE, SPENCER todos tiveram sua philosophia da natureza. Já nos mythos symbolicos da mais antiga physica da gloriosa Hellade,—na philosophia natural da escola Jonia, fundação magestosa de THALES de Mileto, que pesquisava a origem objectiva das cousas na transformação de uma materia unica, tudo ligando numa perfeita unidade,—no infinito genitor de todas as cousas na concepção de ANIXAMANDRO, bem como no symbolismo mathematico da escola pythagorica, que chegara a absurdesa de affirmar os numeros como essencia das cousas, se encontram os primeiros esboços de solução do lendario problema da unidade da natureza. Mas esse conceito preciso da unidade do cosmos, da evolução e da ordem do mundo só se encumeia á altesa de um principio essencial nas paginas luminosas do genial ARISTOTELES, *il maestro de color che sanno* na phrase dantesca:—« Na natureza nada de descosido e de isolado como numa má tragedia » — affirmava o grande STAGIRITA (2).

LEIBNIZ obedecendo a directriz de seo espirito, acariciado pelo mais bello dos principios metaphysicos—o da continuidade, estabelece, em sua maneira phenomenista de conceber a substancia, o *monadismo*, que proclama mais vibrante que qualquer outro systema a continuidade una da phenomenisação natural.

Mesmo a ideia espiritualista, que se baseia na tradicional opposição do espirito e da materia, não delio, por completo, a noção desta unidade harmonica do mundo, considerando com BOSSUET e MALEBRANCHE (3), os platonicos e os christãos,

« Deus » como « o laço e a substancia das cousas », na « alma do mundo » como « o *quid* divino que faz a harmonia das espheras. » O proprio idealismo é um monismo, cuja lei essencial, concebida como mental é procurada no dominio da intellectualidade ou no dominio da vontade como se dá no idealismo de SCHELLING, LOTZE, SCHOPENHAUER, RAVAISSON, LACHELIER, etc.

E' esse conceito da unidade que reçuma do realismo subjectivo de HUME e que se presente na substancia una de SPINOSA.

A ideia espiritualista por longo tempo dominando nos arraiaes philosophicos, vacillante entre o nebuloso idealismo germanico e o rachitico scepticismo escossez, batida em seos mais seguros reductos, em todos ou quasi todos seos vastos dominios pela acção conjuncta de duas correntes oppostas e contrarias, uma materialistica promanante do desenvolvimento relativamente perfeito das sciencias exactas e positivas, outra vinda da philosophia racionalista allemã, uma lutando com a observação e a experiencia, outra com a rasão pura, cedeu afinal o lugar de honra que até então mantivera, pelo advento de uma philosophia nova, que no agnosticismo incoherente do systema positivista de COMTE mostra a expressão mais exagerada de seo horror metaphysicista.

Creio que ninguem ignora os grandes e profundos abalos, os formaes desmentidos que soffreo esta idéa, a crise actual, tão bem estudada por JANET, (4) que lhe rouba as derradeiras forças; creio que bem calou nos espiritos a demonstração de que, imbuida da mais abundante erudição antiga, que a faz consumir-se em « pensar o que se havia pensado antes, esquecendo-se de pensar por conta propria », jamais se preocupou com a verdade em si, mas sempre dobrando-a a um preconceito de interesse moral.

A reacção contra ella, de longos annos preparada, evidenciou-se numa precedencia de fulgores victoriosos. Uma serie de systemas positivos mais ou menos modificados surgiu; as sciencias, libertas dos tentaculos asphyxiantes do fanatismo theologico, em agigantados passos marcharam numa aspiração mirifica de perfectibilidade, e, apesar da preocupação constante da mais aguda analyse e da divisão abusiva do trabalho por continuas e absolutas especialisações impavidas tendendo sempre a generalisação, trilharam um roteiro de notaveis syntheses.

Foi então que a concepção do naturalismo monistico do universo, crystallisada nas feracissimas doutrinas evolucionistas, synthetizando nos movimentos oppostos de *evolução e dissolução* as verdades esparças da Natureza, dealbou o tetrico horisonte scientifico, affeito ao mais ignaro *apriorismo* e delindo a ganga inextricavel de espurias exco-gitações metaphysicas, fez brotar, com a excellencia do methodo que implantou, o veio crystallino da sciencia hodierna isenta de preconceitos, num desabrochar esplendoroso e fecundo.

Debruçada á beira do conceito fundamental de uma lei universal da conservação da substancia (HÆKEL) (5) (fusão inestimavel da lei chimica da conservação da materia (LAVOISIER) e da lei dynamica da conservação da energia (HELMOLTZ), arrimada á indestructivel verdade de que a phenomenisação natural é constante, partindo em um enca-deiar ininterrupto da materia abiotica ao biodynamismo superior e humano, visando desde a complexidade biologica até a unidade social, da unidade organica biologica á multiplicidade superorganica (GREEF), em modalidades varias, até determinar, na bella phrase de COURNOT (6) «a evolução deste phenomeno que se chama humanidade», sentencia a primordial verdade da causalidade una.

Tudo que é, existindo no tempo ou no espaço, a unidade cosmica se revela (e ahi está a explicação do segredo da latencia multiseccular dessa ideia) sempre ao observador, quer parta do ponto de vista da quantidade, quer do mais restricto dos phenomenos do *espírito*, por sorte a não obstante sua apparente opposição, confundir-se intimamente o monismo logico com o monismo mathematico, ambos de uma precisão notavel (ROBERTY). O monismo physico, porém, na impossibilidade de maior perfeição actual, pela difficuldade de reduzir todos os aggregados complexos dos attributos ás propriedades mecanicas, reduzindo todos os phenomenos ao movimento, é ainda a mais bella e admiravel formula de todas as concepções universaes. Aos theoremas idealistas de KANT, que defendendo a natureza mental e subjectiva do tempo e do espaço «restabelecem o agnosticismo esta denominação moderna do phenomenismo», seguem-se as fulgidas creações da philosophia evolucionista.

A unidade das sciencias, manifestação preclara da unidade da natureza, pedra angular de todo o edificio do saber humano, elevada a axioma, determina e justifica, na coordenação systematica de nossos conhecimentos dos phenomenos, de suas relações e das relações destas entre si (SPENCER), o necessario e fatal parentesco, a intima dependencia mutua.

Considerando o quadro de todas as sciencias, em que se porfia a actividade do homem, uma imagem, representação da natureza intima dos laços que ligam entre si as categorias do saber humano, se nos depara, semelhante a que ROBERTY lembra. (7) As modalidades varias dos conhecimentos que o systema comtista vira como a gradação dos andares de um portentoso edificio, aqui serão figuradas por

uma serie de esferas concentricas, encerrando umas ás outras na ordem crescente de complexidade.

Entre esferas mais proximas a mutua dependencia das contidas para as continentes, pelo encadeiamento dos factos de que se occupam torna mais tangivel sua semelhança que deslembrada alteral-as-ia, facto que fundamenta o intuito de classificar-as.

Quando a ignorancia primitiva do homem fundava os primeiros systemas religiosos, inspirados todos na natureza, nesta criação de seos primeiros deuses já se patenteavam os symbolos grosseiros de factos naturaes inseparaveis e dependentes, conglobados neste primeiro tentamen de classificação, modelado no mais infantil empirismo.

H. SPENCER, incluindo na classe das sciencias concretas, que tratam « do real que se oppõe ao que é ideal completa ou parcialmente », cujas « relações têm por termo um *plexus* completo de antecedentes e um *plexus* completo de consequentes » e cujo objecto é o estudo da lei da « redistribuição continua da materia e do movimento », — a astronomia, a geologia, a biologia, a psychologia e a sociologia, dispostas na ordem evolutiva de heterogeneidade, insisté nos intimos caracteres que as ligam, mostrando serem « um grupo natural cujas partes não podem ser desunidas nem collocadas de modo inverso » pela « dependencia dos phenomenos que estudam no ponto de vista de sua origem e genese e no ponto de vista de sua explicação » (8).

Não vem de monção, agora, um demonstrado cabal d'esse enunciado que por sedição e trivial em todos os philosophos modernos dou por estabelecido e vou mais de perto ao objecto que me preoccupa, pela rama perlustrando as modalidades conceituaes que se lhe adequam sabiamente.

Volvendo ás relações de interdependencia da biologia, da psychologia e da sociologia, vê-se que suas intimas ligações, dimanantes do facto de se occuparem do homem, que, elemento final das escritas biologicas, é o assumpto dos esquadrinhamentos psychologicos, onde a sociologia profunda suas raizes, feitiã de verdadeira identidade as manifestações biodynamicas, desde os phenomenos mais elementares da vida dos seres até as formas mais complexas e elevadas de sociabilidade. Sem a biologia, a psychologia e a sociologia, que lhe são como o complemento, estariam condemnadas á esterilidade, verdade que se accentua no assenso unanime dos que roteiam o sendal espinhoso das sciencias, na delineação cada vez mais nitida de que os factos sociaes, em ultima analyse manifestações da vida, obedecem ás mesmas leis que a regem, collectiva ou individual e neste ponto se devem assentar as escritas a fazer nesses terrenos.

Despojada das tortuosas divagações do absolutismo introspectivo, a psychologia, considerada como deve de sel-o, lembrando a magestetica imagem de Ydragasil, a arvore da vida dos cantos eddicos, immerge suas terminações radiculares no proprio corpo do elemento biologico em seos primeiros passos, enquanto os esgalhados e frondosos ramos fructificam nos dominios uberrimos da sociologia.

«A questão da origem e natureza dos phenomenos psychicos é em ultima analyse reductivel á da origem e natureza da vida», diz bem avisadamente JULES SOURY (9). E, de feito, assim é: é esse um dos unicos pontos de sciencia em que uma explicação teleologica tem razão de ser.

Induzido, que seja, que as propriedades superiores da neurilidade cerebral humana, peculiares a seos organos complexos e diferenciados, já devem existir, attenuadas

embora, em seus elementos componentes, presupposto que devem as propriedades iniciais destes elementos entrar no quadro das leis physico-químicas que regem a matéria inerte, que, nada se criando ou se perdendo na natureza como enuncia a lei básica da conservação da substância, toda a phenomenologia psychologica se reduz a transformações de força e que, finalmente, as propriedades superiores não são novas, senão productos de associação, de feito a se reforçarem, de propriedades inferiores, torna-se forçosa a conclusão de que é na matéria, considerada como substância, havida como ser universal, que se ha de prescutar o valioso escote da explicação genésica do psychismo e da vida.

Esse conceito acarreta, por menda, de exagerada generalização inductiva, erigir-se em postulado que a sensibilidade inherente a toda a matéria, podendo passar a acto. Tais ideias, que como acertadamente diz J. SOURY (10), não passam, por vezes, de puros scismas de philosophos pantheistas, todavia, defendidas por sabios da envergadura de TYNDALL, NÆGLI, FOREL e HÆCKEL entre muitos outros, trouxeram como consequência que as propriedades psychicas « existem sempre onde existir a vida », sendo « tão inseparáveis do protoplasma que nenhuma outra função biologica é melhor para definir e caracterisar este *complexo chimico-molecular* (DANILEWSKY) (11).

Aparte o exagero desta afirmação comprehende-se que, consequência da concepção polyvitalista de CLAUDE BERNARD, as propriedades superiores das cellulas psychicas devem encaradas como a somma, direi melhor a associação de propriedades apenas esboçadas. Se « a cellula », como em quejando estudo de *psychologia geral* pondera. CHARLES

RICHEL (12), « é o microcosmo que representa abreviadamente o ser vivo inteiro », se « todas suas propriedades serão propriedades dos seres vivos » e se « todas as propriedades dos seres vivos serão propriedades destas cellulas », o que vem a repetir a phrase HERTWIG: « O organismo inteiro dorme na cellula »,—aforçura-se a conclusão, em estendendo—a racionalmente á gradação hierarchica dos seres, de que nos seres unicellulares já se notam em latencia, em gráo maximo de attenuação os germens das funcções que vão caracterisar os animaes de vida psychica (13).

Em summa, repetindo SOURY (14), os processos biologicos são reductiveis ás propriedades fundamentaes de um organismo elementar commum, especie de pedra angular do edificio da vida—o *protoplasma*; penetrar na structura e mecanismo desse microcosmo é explicar em sua genese todos os phenomenos da vida, toda a evolução biologica.

Estabelecida a necessidade da causalidade externa na phenomenisação biologica, postulado que a funcção do organo necessita de excitação e que pela quantidade intensiva desta se pode aquilatar da excitabilidade daquella, vendo a sensibilidade como caracter fundamental de todo o ser vivo e dest'arte comprehendendo-a largamente, como o fez CLAUDE BERNARD quando a definiu—o *conjuncto de modificações de toda a natureza determinadas no ser vivo por excitações ou o facto do ser vivo responder por essas modificações ás provocações excitantes*, (15)—e só se nos revelando esta por movimentos, pois, em verdade, « a sensibilidade e o movimento são estreitamente unidos um ao outro porque todo o movimento é uma resposta immediata ou mediata mais ou menos prompta a um modo de acção do mundo exterior que accordou a sensibilidade » (16), na carencia de melhor meio, se nos depara o unico de pes-

quizar os elementos primordiais da psychologia nos movimentos mais elementares das plantas e dos animaes inferiores determinados pela influencia dos excitantes ambientes. Isto assignalou brilhantemente RICHET affirmando que, « assim como os zoolologistas e embryologistas indicam aos seres vivos diversamente constituidos a humilde origem da cellula, nós podemos á todas as forças psychicas instinctivas ou intellectuaes, indicar sua humilde origem na acção reflexa elementar » (15), « na sensibilidade nutritiva que é peculiar a todo protoplasma » (SERGI).

Perlustrando toda a gradação dos seres vivos, submettidos mais ou menos á uniformidade causal, se destaca para logo que a uns, como os Protozoarios, não inherem modalidades sensacionaes, que em outros existem, *v. g.*: a visão e a audição (HOGDE). A sensibilidade á luz, por exemplo, não é igual, nem commum a todos os animaes: como todas as manifestações da vitalidade carece de adaptações especiaes da materia viva a determinadas condições de existencia.

Como pela primeira vez indicou W. PFEFFER (18) o estimulo externo ou interno, condição indispensavel no desencadeiar do processo não é, propriamente, a causa interna ou externa da excitação e da reacção consecutiva, senão esta é a percepção da sensação. « Todo excitante é apenas uma condição determinante externa ou interna, a fuisca que determina o desprendimento de força e provoca a explosão de uma certa quantidade de energia accumulada nos tecidos (ERRERA) ». Como já fiz ver, e é de banal observação, a excitabilidade, que se nos revela pelo effeito que faz sequencia á acção do estimulo, suppõe e implica a ideia de sensibilidade que traz a de percepção (PFEFFER); commum a todos os seres, fundamentalmente propria do protoplasma ha, entre a excitação e a reacção produzida, relações definidas e fixas

como fundamentou W. PFEFFER, generalizando a *lei de Weber* a todos os seres vivos; pois «a pulsação da vida bate já no protoplasma mais simples».

E' das manifestações ainda elementares das propriedades, nos meios em que as reacções apresentam o caracter mais nebulosamente mal delineado, que se sobe ás especialisações organicas que suppõem maior complexidade mesologica interna e externa, mercê da qual ha maior nitidez de reacção. SPENCER, que, considerando «assim como a vida mais alta se encontra nos meios mais complicados, a vida mais baixa se encontra no meio de uma simplicidade singular», faz «o gráo de vida variar com o gráo de correspondencia mesologica», diz que «a evolução da vida é um progresso na especialisação da correspondencia entre as relações internas e externas» (19), o que se reduz ao que affirmo.

Demonstrado a luz meridiana de minuciosas analyses, como as que realisou PFEFFER (17), que á actividade vital acompanham certos estados organicos internos, attendendo a que os organismos elementares e ainda não diferenciados já se adaptam a todas as funcções da vida e o unico criterio objectivo da percepção sendo os movimentos, pelos quaes os animaes, muito antes de variações morphologicas especificas, respondem as acções, se é conduzido a «admittir que em a massa amorpha da materia viva (dos primeiros seres) possa ainda que limitada, uniforme e pauperrima no conteudo, dar-se a percepção» (18), consideração que levou PANIZZA, a generalisal-a a todos os animaes, chamando-os de «seres que percebem» (19).

Ainda mais: O protoplasma nervoso, se se faz delle a condição immanente da percepção, nada mais é do que uma especialisação organica deste protoplasma amorpho dos seres

collocados o mais inferiormente na evolução biológica. Uma prova disto está no desenvolvimento embryológico do systema nervoso, porque este vem em todos scres, sempre, do folheto externo do *blastoderma* (*ectoderma*), chamado *folheto cutaneo*, tendo assim uma origem epithelial e se differencia de um tecido a que por maneira nenhuma se podem attribuir propriedades neuricas. ()

Como na grande nebulosa dos mundos foi um primeiro ponto de condensação, no qual a coesão predominava, que organisou o primeiro systema planetario, assim na nebulosidade sensacional do protoplasma homogeneo são as disseminações ganglionares que vão, por coordenação de esparsas propriedades, organizar o systema nervoso, base organica do psychismo.

Como notou ОИЧАНСКИЙ, (que não é novel em sciencia), os elementos nervosos em suas primeiras phases evolutivas possuem universalidade de funções, é na organização específica dos systemas que elles vêm possuir a somma de propriedade especiaes fixadas pela herança e pela adaptação, é então, que o systema, se torna « o processo, basico, da adaptação organica, o principio regulador de conservação individual » (20).

Justo é notar que, apesar de todas as probabilidades de pela existencia de uma reacção feita a um excitante que actua sobre um organismo, poder se inferir a sua percepção não ha inducção legitima que consiga afirmar que todo estado sensacional suppõe um determinado estado interno de consciencia vindo pela percepção, o que redundaria em o afirmar-se que toda excitação é consciente e plenamente percebida pelo ser que reage.

Vêm á balha uma questão importante.

Os actos inconscientes e reflexos, chamados *movimentos automaticos primitivos e innatos*, dependem da conservação e reproducção de condições uteis, mantidas pela herança.

Para se tornarem organicos, para se fixarem, serem retidos pelo organismo e mais tarde se reproduzirem, carecem de profundas modificações physico-químicas, a par de uteis connexões associativas, como estabeleceu RIBOT para todas as formas de memoria, da qual a herança é uma forma generica (21).

As perturbações iniciaes da estatica organica devem ser mais profundas que as posteriores. Uma primeira excitação é sempre mais forte que a segunda e esta mais que a terceira, como nos ensina a *lei do menor esforço*. Um determinado acto produz maior modificação organica, é mais intenso, quando é pela primeira vez praticado. E se, como brillantemente estabeleceu a escola de HERBART, o decrescimento de intensidade de um estado fal-o cahir da mais alta consciencia á esphera de pura inconsciencia, se, como quer ORCHANSKY, apesar de suas vistas um pouco exclusivistas, os estados de consciencia e inconsciencia correspondem e dependem de estados vivo e latente da energia nervosa (22), curial é a conclusão de que os primeiros movimentos devem ser mais conscientes que os segundos, que por consequencia se nos animaes inferiores certos actos não são sentidos (se a retracção pseudopodica de puro automatismo reflexo não é senão resposta inconsciente a um excitante causal interno ou externo), para se gravarem foram inicialmente sentidos e percebidos, sem o que se não teriam adaptado.

E' a sensação percebida factor de maxima valia na fixação dos caracteres adquiridos, sendo ella que torna efficazes tentativas anteriores, reiteiradas no individuo e na especie.

E o que não ha negal-o, é que a sensação, « acontecimento psychico é uma função do protoplasma, da materia viva, como a respiração e a nutrição, que repousam aliás nesta propriedade fundamental da vida—a excitabilidade » (23).

E sensação e consciencia, como assevera RICHER, « são duas expressões diferentes de um mesmo phenomeno », a sensação suppõe a consciencia», ella « pode ser vaga ou precisa, fugitiva ou duravel, mas só pelo facto de existir crêa a consciencia » (24).

Os movimentos dos vegetaes como dos animaes inferiores, morphisados nos varios *tropismos* e *tactismos*, não se pode affirmar sejam desprovidos de estados cænesthesicos correspondentes, senão em o presente momento, pelo menos quando foram fixados. A elles foram comparados e identificados por J. LÖEB, os movimentos reflexos elementares, que elle chamou de heliotropismo ou *stereotropismo animal*.

O mesmo auctor frisa melhor a identificação que delles faz, quando diz que « os animaes assim como as plantas tem na sua superficie cutanea uma substancia que é modificada em sua constituição chimica por excitações externas e cujas modificações se traduzem por variação de contracção e de expansão dos tecidos » ().

A consciencia, « resultado da lucta nos centros nervosos, (a consciencia de um acto é « a resultante de uma resistencia em sua realisação »), (25), dependendo de um certo gráo de energia inicial capaz de vencer a resistencia que offerecem as condições actuaes do ser que sente (SERGI) (26), está pois subordinada á difficuldade de execução do acto e á complexidade da urdidura organica em que este se effectua.

Os reflexos psychicos (em ultima analyse não ha acto expontaneo na vida) não escapam á maravilhosa *lei* de SERRE, sob titulo differente enunciada por FRITZ MÜLLER, tão brilhantemente provada por HECKEL, — em virtude da qual o homem é o que foi toda a serie anscenstral de seos antepassados, desde a manifestação mais rudimentar da materia biologica, e o que elle adquirio no meio.

DESCARTES se acolhia á sombra da verdade quando dizia que os seres vivos são simples automatos, (bem se vê que incluindo o homem, o que aliás não fazia o preclaro philosopho).

De facto, as variações uteis da materia viva, condensadas pelo habito mecanicamente nos graves e continuos momentos do *struggle for life* e fixadas pela herança, tornam-se organicas pela selecção natural e o homem procede obedecendo a todos seos antepassados deste o *protista*.

O determinismo da sciencia hodierna, comportando todos os grãos da materia, profundando suas investigações a todos os organismos, demonstra que as propriedades, que o caracterizam, devem forçosamente se achar em attenuação maxima já no amiba.

Essa capacidade de reacção que é a propriedade característica e basica da vida vae, sem deixar de ser um acto psychico em seo tanto, vem desde a reacção inconsciente passando por metamorphias de subconsciencia, de consciencia larvada á forma consciente superior da associação psychica humana. « A mentalidade » fez ver H. CARTER, « é um progresso e uma especialização de nossas aptidões, graças ao desenvolvimento organico » (27). « Acto reflexo elementar, instincto e intelligencia taes são as tres formas pelas quaes se manifesta a sensibilidade dos seres vivos », conclue RICHTER (24).

Entre o movimento voluntario e plenamente consciente e o reflexo puramente inconsciente e vago, ha o automatismo instinctivo animal, producto da « acção do habito » (DARWIN). Por gradações insensíveis se vêm do protozoario, que, como creem MAX VERWORN e SOURY, « não é consciente, no sentido «intelligente», pela especialisação diferenciadora organica, pela associação systematica, como se deduz da analyse de STEINER», pela « individualisação do protoplasma, na phrase de PREYER, (citado por SOURY), á forma maxima e superior da intelligencia creadora.

Visando ora, na mais perfunctoria analyse, a serie ontogenetica, onde o neuronio se colloca em uma superior esphera pelas connexões que mantem no meio que occupa, se se acerca do problema do apparecimento da consciencia, vê-se, vindo do neuroblasto plenamente inconsciente, desde o momento em que se emittem seos prolongamentos, (o que para os *dendritos* se ensancha até a terceira semana embryonaria, no pensar de HIS), que, como nota L. LEGRAND em um recente trabalho (25), a apparição della coincide (aos 2 annos de idade) com a epocha de completo desenvolvimento dos *dendritos*.

E de feito, se é exacto como assignalou KAES, pelos seos bellos cortes, que a riqueza fibrillar do cortex cerebral cresce até os 40 annos, o que confirmam o asserto de CAJAL, admittindo « uma neoformação de collateraes nervosas e expansões protoplasmicas correlativas á actividade mental », o facto indicado por todos os anatomistas, da differença estructural dos cérebros humanos dos animaes mais proximos referir-se tão somente a maior riqueza de arborisações (GIRARD, TESTUT), se essas têm todas as funcções da cellula, cujos corpos não intervem, quasi, na vida psychica, senão indirectamente (CAJAL), não será dema-

siada ousadia, como LEGRAND, postular que o phenomeno da consciencia plena e seu desenvolvimento importa na apparição e no desenvolvimento dos *dendritos*, sem os quaes « as cellulas não podem pensar » e que são os elementos « dessa associação que realisam as condições de apparecimento da consciencia humana » (SOURY).

O que, tudo, leva á conclusão de que os phenomenos psychicos dependentes de um determinado arranjo estatico, que ahi é a estructura, para serem bem comprehendidos devem ser estudados em suas manifestações primeiras, no desenvolvimento das condições organicas que se lhe vão unir por nexos causales, dilatando, no ensinamento das idéas darwinicas, ao sabor de tantas competencias, as origens dos phenomenos de que se occupa a psychologia, ás origens organicas da vida, tendo-as como indispensaveis a seo estudo.

« A psychologia » affirma LÖEB, « deve estudar em todos os grãos da vida animal o mecanismo das associações de idéas, cuja existencia caracteriza a consciencia » () pois, « a vida, a consciencia e o pensamento, diz BERTAZZI, se prolongam um ao outro continua, ininterruptamente » ().

E' dahi que a psychologia convenientemente amparada se dedicará ao campo da *subjectividade*, que é seo principal assumpto, synthetica interpretando os dados que lhe fornecer este methodo com o auxilio dos conhecimentos já, nesta longa jornada atravez da vida, colhidos.

O organismo é um systema de forças em relação com o ambiente, sempre sujeito á acção, sempre reagindo e guardando destes movimentos. modificações que podem ser conservadas, fixadas, accumuladas e transmittidas. Suas funcções, quer na forma biologica, quer mental, são os mesmos productos em gráo diverso de crescimento.

São ellas que emanando dos individuos vão tornar-se o elemento fundamental commum do grupo social não como uma simples aggregação, mas como uma transformação funcional, pois « não ha mudança de estructura sem mudança de funcção » (SPENCER).

Esta atmospheria, que vae constituir o meio em que vae viver a actividade de relação do individuo age sobre elle e determina-lhe um grande numero de actos.

De maneira que todo esse cosmos de idéas, todo este mundo psychico reconhece duas fontes originaes de excitações,—uma que reside nas condições da vida organica,—outra que se encunha ás condições da existencia social. Comprehende-se dahi as relações de mutualidade, a interdependencia dos phenomenos psychicos e sociaes.

Com effeito a dependencia manifesta da sociologia com a psychologia, levada ao exaggero na concepção dos que fazendo da « alma collectiva » (*Volkerseele*) o objecto dos estudos sociologicos, pensam que o phenomeno social é unica e exclusivamente o mesmo phenomeno psychico, é reconhecida por todos, que procurando dar uma base positiva e objectiva a taes estudos, rebuscam, como COMTE e especialmente SPENCER, na vida o *nomeno* para oppor e este phenomeno, pesquisando-o no gregarismo, na associação rudimentar, na tradição (LITTRÉ), na imitação (COURNOT de TARDE), na suggestão (NORDAU), no polygenismo das raças, enfim na propria massa e população que não são mais do que indicios concomittantes de um phenomeno associativo.

A gradação evolutiva vae da cerebralidade humana individual á collectiva[†] (*sociabilidade*), as funcções sociaes formando-se pela coordenação e transformação dos elementos psychicos.

O conhecimento do facto social implica concomittantemente o conhecimento das verdades biologicas e psychologicas que exprimem a natureza do individuo.

As analyses sociologicas, impossiveis sem o auxilio immediato de todas as outras sciencias que explicam o meio d'acção e a natureza dos individuos associados, se liam á alguma cousa mais que uma combinação de leis phisicas ou de leis biologicas e psychologicas, o que constitue o objecto complexo da sciencia sociologica.

Na psychologia, que estudando a consciencia, não se abstrahе do organismo e do meio, ha convenção de isolar o ser individual, de observal-o em si separadamente, quando o ser, sob ponto de vista algum pode bastar a si mesmo, pois elle é sempre ligado a um grupo de seres mais ou menos semelhantes entre si.

Na sociologia á individualidade organica substituem o agrupamento e a solidariedade que elle suppõe. « E ahí está a expressão mais profunda da realidade, a propria lei da vida » (BERNÉS) (26). « A sociedade não é mais do que a apparição e o desenvolvimento gradual e mais ou menos completo no pensamento da idéa da ligação necessaria, da dependencia mutua dos seres. (27).

Essas considerações devem ter em mira o que estuda todo e qualquer phenomeno psychico, porque aprende a ir buscar sua origem nos terrenos fertes da biologia, explicando-os biologicamente, e vel-os depois transformarem-se em phenomenos de ordem puramente social.

No estudo em que me impenho este facto se evidenciará e vindo duma explicação biologica, de phenomenologia nervosa onde tão somente a physiologia toma parte, auxiliado por elementos sociologicos, terci occasião de penetrar as araveis provincias da psychologia, indo ultimar meos estudos no valor e influencia sociologica dos factos analysados:

Por outro lado, esse modo, todo novo, de conceber o universo, liberto do asphyxiante contacto dos dogmas vetustos, abandonando o transcendentalismo espurio das divagações especulativas dos theologos, todo scientifico, todo natural, em contrario desta tão velha quanto oppressora philosophia teleologica que pelo theismo antropomorphico abdica na inexplicabilidade do modo de acção das forças dirigentes (« as vias de Deus são impenetraveis »), estabelecendo á natureza leis fixas e immutaveis, demonstrando que « por toda parte ha entre os phenomenos um laço etiologico e que por consequencia todo universo accessivel a nossos meios de investigação forma um verdadeiro *monon* » (28), estendendo suas escritas aos, até então « insondaveis, dominios » d'« *alma* » e pautando-a nos limites de um determinismo de leis fixas e naturaes, derroca por isto mesmo « os tres dogmas centraes da metaphysica », « cidadellas da ignorancia e da superstições » (29) e isenta das peias do fanatismo medievo, deixa transluzir, a magestosa verdade do papel causalidade mechanica até nãs manifestações « d'alma », abrindo campo a que se esmerilhassem os embrenhados dedalos de hypotheses e conjecturas que se levantavam sobre o problema do Desconhecido.

Foi por effeito de toda esta trabalhosa genese do livre pensamento, que da vasta renque das *sciencias da cultura humana* (30), miudando-se em pesquisar um por um todos os productos varios do desenvolvimento cultural da humanidade, surgio o *estudo das religiões* não mais como resultantes transcendentales de uma omnipotencia divina, productos incipientes do conhecimento de um Deus ou de sua perversão, mas como propriedade do organismo humano, como uma caracteristica essencial da individualidade do homem a quem já algures alguém nomeiou de « animal religioso ».

«na certeza de que as idéas religiosas assentam em ultima analyse sobre as intuições a respeito da natureza» (STEFFENS) (31).

Mas assim como para todo objecto, ha no espaço uma situação favoravel á sua percepção justa, o estudo de certos problemas tem seo momento dado no evolver da especulação: ha na historia do pensamento humano para visão nitida destes problemas uma situação determinada.

O problema religioso foi sempre o fundamental, em todos os tempos. «Mas não se podia, antes deste seculo, transportar a questão da crença para o terreno da psychologia e visar o problema do ponto de vista em que elle se impõe hoje», «Era preciso que realisasse a evolução em virtude da qual a crença passou do dominio sobrenatural ao do intellectualismo, para chegar hoje até a vida, se fazer reconhecer como expressão de nossa propria personalidade» (C. Bos). (32)

Encarando-se do ponto de vista do desenvolvimento historico a sciencia das religiões, se evidencia que duas são as classes de hypotheses apresentadas para explical-as, uma a theoria cosmo-philologica (LESBAZEILLES) (33) que vê seo ponto de partida em um objecto, em uma energia natural substancializada, depois tornada deus, imaginado em substancia como semelhante á natureza das pessoas humanas, — a outra, a theoria metaphysica — que vê o ponto de partida numa realidade transcendente concretizada pelo symbolo.

Abandonando estas formas conceituaes dissociadas e antagonicas, uma suppondo, outra negando a realidade objectiva; numa vista mais larga profundando a analyse, verifica-se que dois são os pontos de vista pelos quaes se pode encarar o problema religioso: objectivo e subjectivo, e que podem ser simultaneamente utilizados qualquer que seja a forma theorica a que o filie o analysta.

A scienciã objectiva das religiões occupa-se da natureza das relações do homem com a divindade, sua verdade objectiva, vendo-a nas relações dos seres cosmicos entre si, em sua genese e efeitos, o que se reduz a vel-a « em sua realidade na sociedade cosmica que ellas constituem, suppostas verdadeiras », (o que vem a ser uma sociologia superior e sobrehumana, geral e universal—a *cosmosociologia* na denominação de R. DE LA GRASSERIE (34).

A outra a sciencia subjectiva das religiões considerada como um ramo da psychologia, estudadas as manifestações religiosas como um producto da mentalidade humana. « Os phenomenos da mentalidade produzindo-se ou particularisando-se, tornam-se factores dos phenomenos religiosos; a religião neste sentido é um producto do espirito humano, o que não, quer dizer que seja só isto, mas é assim mesmo lhe concedendo toda verdade objectiva desejavel ». « E' regida por leis psychologicas, segue' a evolução mental e lhe serve de reactivo » (35).

A crença, ainda que não o seja exclusivamente e em parte seja determinada por influencia social, é primitivamente individual, puramente psychologica; depois é que se estendendo a outros, ella, como nota C. Bos, « não se limitará ao individuo que a affirma, terá seo contra golpe sobre outro », produzindo-se, um phenomeno de « *amplificação da crença* (Bos), de sorte que, então, a crença individual se encontrará reforçada, affectada por um coeficiente social (36). E não é só isso. Entram, ainda que tardiamente, em sua tecitura, elementos sociologicos, não só porque se comprehende que um de seos elementos —a moral— é da pura alçada da sociologia, como tambem que phenomenos inicialmente psychologicos por individuaes, para logo se tornam collectivos e consequentemente sociolo-

gicos, como é o caso v. g. de uma das manifestações do culto a prece, que em sua marcha vai do indivíduo á familia, á tribu, á sociedade, podendo em manifestações actuaes ainda com apparencia collectiva ser puramente individual.

Erro se me parece considerar a religião como facto primitivamente sociologico, pois ainda que para logo se socialise, é no inicio de seo desenvolvimento psychologico. Acolho-me a sombra de LA GRASSERIE que affirmando que «quasi todas as manifestações da crença ou da pratica são sobretudo psychologicas e não podem se explicar na sua genese e em sua evolução senão pelo estado mental do crente» (37), conclue que «considerada em suas raizes e em sua evolução, ella é psychica; não se socialisa senão em sua evolução secundaria.» «A religião é psychologica em seo ponto de partida e em sua evolução expontanea; torna-se sociologica em seo desenvolvimento ulterior» (38).

Esta é a feição destas modestissimas notas.

Efeito do desenvolver cultural de cada povo de que é uma função, verdadeira manifestação *sociomorphica*, no conceito justissimo de GUYAU (39), reflexo da natureza na consciencia do homem, tomando por via deste facto seo modismo individual de contemplal-a, traduz as tendencias, habitos, a estructura intima, emfim, do povo que a gera e ao qual ella convem, pois como assevera TREZZA, é «o instincto ethnico que se pode dizer creador das religiões» (40), as quaes modelando-se sobre «o espirito» conservam todas as suas depressões e todos seos relevos» (41).

Elaborada no cerebro dos homens, — («o logar de Deus é o cerebro do homem» — enuncia a phrase plastica de TREZZA) (42), só convem ou melhor só vive, floresce e fructifica em um determinado clima historico, que por sua vez é resultado de uma determinada disposição ethnica. «As

religiões, diz TREZZA, se se repara attentiosamente, consti-
tuem um facto social e produzem se em um clima historico
que se convem a certos grupos ethnicos, desconvem a
outros» e não «adquirem um valor social, senão nos
climas em que se produzem (43). A pretensa universal-
dades de certas grandes religiões, taes como o buddhismo, o
islamismo e o christianismo é francamente mendaz. As adapta-
ções apparentes, por sorte a simularem verdadeira conve-
niencia a todos os povos, a todo universo, accarretam
modificações profundas em sua estructura, em sua moral e em
seo culto, até mesmo em seos dogmas. Inaptadas ou adaptadas
mal têm como consecuencia entrava o evolver do meio
social, como é o caso do christianismo para o mundo greco
romano (TREZZA). Referindo-se ás conversões de povos,
raças inteiras a essás religiões, escreve G. LE BON: «quando
se penetra um pouco em seo estudo, nota-se logo que os
povos mudaram sobretudo o nome de sua antiga religião
e não a propria religião, que em realidade, as crenças
adoptadas se transformaram para se porem em contacto
com as velhas crenças que vão snstituir»(42).

Formação historica, a religião deve ser estudada no proprio
meio ethnico que a gera e alimenta. E' ahi, «no conjuncto
de caracteres communs que a herança impõe a todos os
individuos da mesma raça», que se deve contemplar-a.

E' desta constituição mental tão fixa, quanto os caracteres
anatomicos e que de um delles — o cerebral, — deriva, forne-
cida pela herança atavica pois cada individuo é alem de
representante de seos paes, o representante de sua raça (« nós
somos nossos paes e nossa raça » diz CHEYSSON), que
defluem todos os sentimentos, todas as crenças, todos os
pensamentos, todas as instituições que vão no laço estreito
da comunidade de interesses coustituir o que LE BON

chamou «a alma do povo», que como uma onda immensa se dilata, excentricamente á familia, á tribu, á aldeia, á cidade ao estado e ao paiz em pequenos ancenubios, de variações individuaes. E' na unidade achada na adversidade dos caracteres, na identidade mental de todos os individuos de grupo ethnico determinado, que se encontra essa nova *psyché* ethnica no denominar de SERGI, cujas bases fundamentaes, repito, estão no sentimento, nos interesses e nas crenças communs entre as quaes avultam as religiosas (43). O papel importante destas crenças no desenvolvimento cultural da vida dos povos, é fundar desde a aurora dos tempos historicos todas as instituições politicas e sociaes, dominando pela absorpção completa da moral, que ella opera. «Com uma crença nova» pondera LE BON nasce uma nova civilização». Tanto mais importante seo papel quando, pela analyse minunciosa de SIGHELE (44), ROSSI (45) e LE BON (46) se evidencia o caracter altamente religioso que revestem todos os sentimentos das multidões, tendendo sempre ao sobrenatural.

As crenças, que originam a historia politica, artistica e litteraria de um povo, modificando-lhe o caracter, são profundamente modificadas por elle. «O caracter de um povo e suas crenças» factores indissolavelmente unidos, «taes são as chaves de seo destino» (LE BON). A psychologia da raça, procurando a fixidez dos elementos religiosos em sua estructura e origem, deve preceder a todo e qualquer estudo que sobre assumpto religioso se faça tornando-se imprescindivel considerar a disposição ethnica que produzio a formação religiosa e que-lhe é meio, o estudo do povo de que é uma funcção partindo do postulado basico de que o ponto de vista dynamico não pode independer do estatico.

Considerando a manifestação religiosa, elemento dynámico, como função social do povo, elemento estatico, urge precedel-a da structura desse, fazer a protoplasmia ethnica mercê da qual se feiçõam os phenomenos visados, porque diz SPENCER, que aqui equivale a uma longa demonstracção: « a estructura e as funcções são de uma relação tão intima que é quasi impossivel ter em conta racionalmente sem se referir tacitamente á outra » (47). Nisto não ha novidade: desde os mais remotos tempos nem PLATÃO, nem ARISTOTELES, nem DESCARTES, nem LEIBNIZ nenhum outro desligou o estudo do homem do estudo do corpo, suas « faculdades » de sua constituição.

Collimando estudar neste opusculo a origem, a extensão e o valor de um elemento religioso no Brasil. para o conseguimento desse *desideratum*, seguindo as pegadas dos que me tem antecedido no visar de tal assumpte, a protoplasmia ethnico-social brasileira deve preceder forçosamente qualquer analyse do problema religioso no Brasil. Tarefa de summa valia, digna do mais alentado esforço, o determinar as condições da equação sociobiologica dos elementos basicos da população brasileira, é, pois, factor de precedencia innegavel, quer em terreno historico e philologico, quer esthetico, moral ou religioso, apontado desde os trabalhos de MARTIUS (48) como da mais urgente utilidade, tanto mais quando a carencia absoluta de subsidios scientificos inhere a quejando tentame difficuldades quiça insuperaveis.

Não será nos limites deste capitulo pretenda eu tratá-lo com a minucia que exige, muito ao envez só lhe descobrindo muito superficialmente as faces que immediata ou mais proximamente mediatas possam ter relação com problema que encaro. E' o que justifica e exige as considerações, que vou fazer e a que muito bem se adequa o nome de *etiologicas*.

O. G.

Seguindo a traça a que me propuz estudarei em primeiro lugar a raça em cada uma de suas origens, notando-lhes as características psycho-sociaes, em sua formação pelo cruzamento, bosquejando a psychologia do mestiço. Depois num ligeiro considerer irei ao meio phsysico procurando fazer resahir sua influencia sobre o psychico, da raça e ao meio social em que com os elementos já colhidos edificarei a opinião que sustento a respeito da persistencia, valor e estensão das formas concretas da religiosidade no Norte do Brazil.



L'evolution biologique et l'evolution sociale ne suivent pas une ligne droite mais au contraire une courbe des plus sinueuses; les regressions et les dégénérescences sont frequentes. Cependant il ya une resultante generale de tous ces mouvements alternatifs. Novicow—«*L'avenir de la race blanche*».

Tres elementos sociologico e ethnographicamente diferentes concorreram a formar a população brasileira, em cujo seio, de agora já se vão destacando as tentativas de condensação de um typo ethnico determinado da multiplicidade extrema que actualmente a constitue: o branco representado especialmente pelo elemento portuguez, o negro pelos africanos,—raças colonisadoras—e o aborigene o mais inferior dos tres. Seguindo os dados da classificação de OMALIUS D'HALLOY que apezar de invalidada como demonstram as observações de KEANE (49) e «em muitos pontos inferior as de QUATREFAGES (50) e TOPINARD (51), do ponto de vista ethnographico e sobretudo do ponto de vista dos estudos das superstições é ainda a mais precisa e nitida» (REGNAULT), adaptando se melhor as exigencias didacticas.

I O portuguez reconhece as fontes longinquas de sua origem nos Iberos (aos quaes grande maioria de auctores funde e identifica os bascoes ou vasconços (*euskaros*))

e liguros e dos quaes outros separam como LAGNEAU), Iberos oriundos talvez d'Asia que em uma primeira invasão em tempos prœter-historicos dominaram a peninsula e «grande parte do territorio da França actual» (LAGNEAU). O periplo de SCYLAX de Carianda, navegador, escripto antes da nossa era 500 annos refere se a raça primeiro habitadora, chamando-a de Iberos, como affirma ROMEY (52). Mais tarde os Celtas, GENTES QUÆ INTER TAGUM ET ARTABROS INCOLUNT, a fiar em STRABÃO (53), invadindo pelo nordeste o velho continente vieram estabelecer se na peninsula, fundindo-se, em que pese a A. HUMBOLDT, com os iberos, invadidos e misturados que já vinham ainda que em pequenas proporções com kymris e galatas, fundando o celtibero.

Mais tarde um povo maritimo e commerciante, trabalhador e aventureiro, o pheucio—o intermediario mais activo das relações civilisadoras, a cujo contacto devem as raças indo-germanicas a escripta alphabetica em boa hora modificada pela preponderancia do vocalismo de suas linguas (LEPSIUS) (54), se misturou tambem fundando colonias no territorio hespanico meridional (Tartessus e Gades. (HUMBOLDT (55)).

Vêm depois os filhos da Hellade, agitados pela vida expansiva dos Jonios, sempre promptos a agir, construindo colonias em toda a peninsula, do que dá serio testemunho a lenda ulyssopoligenica de Lisbôa.

Vindo, e, assim, constituindo se tiveram mais tarde de supportar as invasões dos carthageneses, os libi-phenicios, (africanos semitas), que ao mando do impenitente HAMILCAR conquistaram o paiz.

Filho do celtibero em cujas tendencias corajosas e guerreiras transpareciam as palpitações estuantes de uma civilização nascitura, dos phenicios, em que residuavam a per-

tinacia e a tendencia aventureira do semita, o portuguez já tinha condensado em sua ascendencia o germen de suas futuras façanhas.

A essa lapidação demorada da raça veio, por SCIPÃO, o Africano, Roma, — a grande polidora da humanidade, que melhor concretizou as manifestações superiores da cerebrialidade humana, — dar a ultima demão, trazendo já o contingente relativamente minimo de seo sangue, já o contagio de sua desenvolvida civilisação.

A influença do dominio romano transluz até no proprio corpo de leis escriptas, como affirma MARTINS JUNIOR (56), o que bem mostra a que ponto ella chegou.

Quando na epoca da dissolução do Imperio Romano gafado e dividido, os barbaros, invadindo o sul da Europa, trouxeram os elementos nutritivos e revivescentes á civilisação moritura na omnipotencia de suas forças virgens e inexpertas, penetraram em Portugal principalmente os godos, que vindo da poderosa raça germanica, com os alanos e suevos ahi se fixaram.

Não perco ensejo de aqui lembrar o elemento sarraceno que, na febre de dominação universal e gloria de Allah, deixou não acanhados resquicios na genese e desenvolvimento portuguez.

Assim elaborando-se por esta metachimica complicada, atravez os seculos, vinha o portuguez roborescendo-se á sombra de conquistas e esforços alheios, quando a hallucinação victoriosa de A. HENRIQUES o constituiu e separou. De facto como diz A. HERCULANO «a pedra angular da monarchia portugueza foi a batalha de Ourique». (57) O heroismo vesanico de D. AFFONSO HENRIQUES, que o unia indissoluvelmente ás potencias mysticas da Santa Sé, é que começa a

existencia do organismo nacional portuguez ; sua personalidade consciente brotou de uma hallucinação religiosa.

E desde então a religião na sua mais nociva manifestação, o fanatismo, dominou Portugal, funcionou a direcção das negocios publicos, absorveu todas as consciencias desde as camadas mais infimas ás mais elevadas do stracto social, feiçoando o espirito das leis a seus desejos, pelo seu enorme dominio material nos dignatarios ecclesiasticos esmagando o povo e quasi aniquilando o poder dos reis (58).

Quando neste inoxygenado e irrespiravel ambiente, que antes creava que guarescia os morbos que são da contingencia dos povos, por admiravel phenomeno atavico, esta memoria da raça, o Portuguez iniciou a epopéa brilhante de suas glorias ao dealbar o seculo XV é o factor religioso que vem gafar-lhe as forças, senilisal-o. (O. MARTINS) (59). Aqui devo com testemunho, inconcusso das chronicas palpar o moral, por onde bem se revelará o psychico da raça matriz.

Na epoca do descobrimento do Brasil, era Portugal uma monarchia quasi absoluta, cerceada apenas pelo poder ecclesiastico, que já de outro lado senhor das consciencias reaes, impavido governava quer na moral, quer no direito (em o qual o canonico delia as disposições de jurisdicção réal) (60). A superstição exagerada e o fanatismo profundo e annoso mal encobriam e antes acoitavam toda a degradante desmoralisação da epoca.

Os conventos eram typos de corrupção ; o amor ao ouro, fructo da grandeza das conquistas, a libertinagem, o jogo, moldados numa moral consciente de depravações e commodidades, corroiam as derradeiras forças sociaes desde as mais baixas classes, onde a fome tripudiava infrene, (61) á fidalguia cortezã.

A ignorancia era enorme; na côrte, affirmam avisados chronistas, raros sabiam lêr. A instrucção, entregue completamente aos jesuitas, era ministrada em minguardas doses com uma parcimonia avarenta. Ha notar, e este é este horror á heresia em um fundo de feitiços, bensimentoos, advinhares e *tutti quanti*, evidenciando-se que, embora rotulada de monotheismo, não era mais que um concretismo grosseiro, degradado e primitivo. Era tamanha a influencia da feitiçaria que alvarás de D. Manoel mandavam marcar feiticeiros com ferros em brasa, punindo as leis de morte á grande bruxaria e de degredo perpetuo em S. Thomé, a pequena (62). AS ORDENAÇÕES n.º liv: V, que se occupa dos crimes, punindo sempre de pena maxima os herejes, apostatas, que « cohibitam com judias », que « vivem com freiras » etc., incluem no largo Tit. III os feiticeiros, condemnando o « invocar spiritos diabolicos » « advinhar, lançar sorte nem barra para achar thesouro », « ver em aço, crystal, spelho ou spada, ou em outra qualquer como lusente, nem em spadôa de carneiro » (63) e quejandas, desenrolando uma serie de praticas que opportunamente mostrarei. Vem a pello aqui, porem, citar as phrases iniciaes do terceiro paragrapho do referido Tit.: « E porquanto entre gentes rusticas se usam muitas alusões ». Não erãõ escoimada dellas as gentes da corte e mesmo entre os letrados, as punições exaggeradas que a ellas davam, já não fallando do assenso unanime dos chronistas, revelando o quanto as temiam demonstra a profundesa da crença que nellas tinham.

Ainda ha um facto a assignalar, cujo curar merece selo bem detido, não aqui, mas quando opportuno. A aversão injusta e invejosa, que inspiravam os judeos em sua ascendencia trabalhosa, inibida a principio pela vontade forte

do Rei D. Manoel, trouxe como consequencia, por uma málevolencia crescente, que ia aos poucos infiltrando-se, sob D. João III, fidelissimo fanatico, por vil commercio, a instituição da inquisição em Portugal em 1547. Do que ella foi digam pallidamente os tropos de A. HERCULANO (64), de sua influencia nociva e corruptiva sobre o psychico do povo, não só enfraquecendo os laços moraes, como fortalecendo as manifestações vesanicas, constituindo um factor etiologico de extrema valia da degeneração do elemento portuguez, fala o numero exaggerado das victimas, a erupção das demomanias e outras muitas manifestações religiosas da doidice.

Em summa, « o jesuitismo mumificou o Reino e o Portuguez; Portugal tornou-se seo baluarte e a casa de Bragança seo melhor pupilo » na phrase de O. MARTINS. (65) Por este perfunctorio esboçar já se vae evidenciando o estadio de degradação da sociedade portugueza, corroida pelo fanatismo e pelas supertições, que eram o *primum movens* de todos os actos, tendo em mira tendencias e aptidões, costumes e ideias, se pode imaginar o quanto fundamente preponderava a religiosidade concreta, mantida e alimentada por profunda degeneração, que assustadoramente grassava ao bafejo deste estado social que lhe era tão eugenésico.

O que Portugal, porém, deu ao Brazil, desde o inicio de sua vida, foi a escoria social, o *stratum* derradeiro em que repousavam as mais profundos estados degenerativos.

De facto, ainda que produzisse enorme entusiasmo a descoberta do Brazil, talvez pela obsedante preocupação de explorar a India e alargar os dominios d'Africa, plantando a fé chistã em todo o globo, o paiz recém-descoberto foi esquecido até 1530, epoca em que traficancias e invasões de

navegadores francezes e hollandezes obrigaram D. João III a cuidar da nova colonia, enviando uma expedição exploradora e nomeando o vice-rei «com alçada, mero e mixto imperio, excepto quanto a fidalgos.»

Os elementos, na falta de melhores, que se foram buscar para a nova colonia foram degredados e aventureiros. «Os judeus degredados forneciam o primeiro nucleo. Do reino iam carregamentos de mulheres mais ou menos perdidas », corrobora O. MARTINS (66).

O Brazil era além disto asylo, couto e homisio garantidos a todos os criminosos que ahi quizessem morar, exceptuando os de heresia, traição, sodomia e moeda falsa, com fim de mais condensar a população que se cristallisava em torno do tão desgraçado nucleo. Affirmam AUGUSTO DE CARVALHO (67) e alguns outros auctores que este systema nenhuma consequencia má trouxe e até nem era tão ruim a gente que para a colonia era mandada, pois que naquelle tempo se tinham por graves cousas de nenhuma valia e todos os povos, Roma inclusive, era nesta casta que se condensavam e formavam. Como se desprende de uma simples vista d'olhos do liv. V das *Ordenações* (68), depois da pena de morte e na relevancia desta a expatriação para o Brazil era a mais commumente imposta. Na analyse destes 256 crimes punidos com o degredô para o Brazil, na conta de VARNHAGEN (69) tendo mesmo em vista o exagero da gravidade dos crimes, exorbitando o rigor da penalidade, não só não é para desprezar que neste meio estavam os crimes de homicidio, latrocínio, etc., como tambem que não estando o conceito do crime adscripto a um *canon* eterno e imperecível, muito ao envez transitivo e condicional, o gráo de degeneração do individuo se pode bem deduzir do desequilibrio que elle produz no meio por sua má adaptação. O crime, quer se

O. C.

o defina com BENTHAM (70) «um acto que tende a diminuir a somma total dos prazeres e augmentar as dores no meio social directa ou indirectamente pelo alarma que produz », ou como um acto que fere sentimentos medianamente espalhados numa epoca dada no sentir do BARÃO DE GAROFALO (71), ou como producto de motivos individuaes e antisociaes que offendem á moralidade media de um povo, como explanou COLAJANNI (72), ou ainda como quer DURKHEIM, um acto reprovado pela « unanimidade collectiva » (73) ou finalmente, como explica GABRIEL TARDE « um acto sentido pelo grupo social ambiente como um ataque e uma perturbação (74), em ultima se reduz na formula de A. VACCARO (75), a uma inadaptação ao meio ou ao rompimento de uma adaptação imperfeita, defeituosa e instavel. Até ahi não corre duvida. No que porém se têm porfiado os criminologistas é em estabelecer as causas deste estado inadapativo e na vasta renque das hypotheses e theorias o que avulta com a bronsea inquebrantabilidade de uma verdade inconteste, é que elle suppõe, as mais das vezes, um estado anormal de psychismo.

GAROFALO jungindo o crime a concepção vaga de uma *anomia moral* mal definida (76), MARRO unindo-o a uma *dysphoria nervosa* (77), G. SERGI attribuindo-o a um rebaixamento do typo humano (77), o genial LOMBROSO vendo-o como a manifestação do atavismo que crea um typo de anormalidade nata e mais tarde, transvertendo este modo de ver á degeneração e á epilepsia, a que identifica o criminoso sob a rubrica de *epileptoide* (78), COLAJANNI batendo-se por um esconso « atavismo moral » que se desprende de uma prolixidade confusa (79), MAUDSLEY chamando-o de emunctorio por onde se escoam as tendencias doentias e fazendo-o equivalente da loucura (80), VIRCHOW fitando-o como « a loucura em formação » (81) e FERÉ chamando-o de um pro-

ducto de estados degenerativos (82), annunciam a verdade basica de que a degeneração é o *pabulum* da criminalidade, é o solo em que germinam os impulsos criminaes. Consequentemente mesmo tendo em mira os factores sociaes do crime, que ENRICO FERRI (83) e BERNARDINO ALIMENA (84), esse bellissimo espirito, aconselham jamais se abandonem, não me parece nenhum colossal disparate, pelo avultado de criminalidade de qualquer especie, que suppõe ao lado de criminosos isentos de qualquer falha de organização os em que o crime é um symptoma ou manifestação de estados anormaes e pelas correntes de ideias reinantes na epoca prever o estado de profunda degeneração do povo portuguez.

Em summa Portugal dando-nos o copioso *stock* de superstições que possuia, transmittiu-nos tambem por seu lado, a vasa deleteria de sua mentalidade gafa. O resultado de tudo isto foi que, a despeito de alguma rara gente boa (85) apurou-se na colonia toda a desmoralisação do Reino, morphisada nas criminosas praticas e hediondas villanias de que trazem noção os historiographos.

II O outro elemento da genese ethnica brasileira e que muito provavelmente comsigo trouxeram os portuguezes, foi o negro representado pelo africano, cuja data de importação directa para o Brasil é imprecisa.

Vindo o captiveiro dos negros, phenomeno natural na evolução historica do povos, da guerra, já aportando a Portugal em 1443, como dá testemunho ANTÃO GONÇALVES (86) foi elle apropriado, pela inaptidão e enfraquecimento do europeu nas regiões descobertas, ao serviço mecanico. Assim e baseiado ainda em que aos soldados e expedicionarios o Estado fornecia escravos descontando os preços dos soldos (87), é logico admittir que não se podendo contar com os naturaes do

paiz, fossem para aqui trasidos desde as primeiras expedições pelo meiado do seculo XVI.

A este respeito diz VARNHAGEN com segurança: « que foram trasidos desde a primitiva colonisação e provavelmente muitos vieram com seus senhores a bordo dos primeiros navios, que aqui aportaram comprehendendo os da armada de Cabral » (88). Demais, como nota PERDIGÃO MALHEIRO, « apesar de nas relações e noticias dos primeiros navegadores não haver menção delles, o facto de accentuar nas cartas regias de doações de capitania a alçada sobre morte de *escravos*, faz suppor » isto. Seja como for, o facto é que o Brazil teve em seu seio, nos primordios de seu desenvolvimento, como elemento ethnographico, sociologico e psychologico o *negro*, o africano, a cujo ingente esforço tanto deve. Facto que se tem por delucidado e incontestado é que desde o inicio da colonia os contactos já iniciados em o reino mais ainda se deram, mais intimos se foram tornando, de maneira a deixar indelevel vestigio na moldagem proto-plasmo-ethnica.

Imprescindivel torna-se ainda que em largo traço considerar este elemento em suas origens e natureza.

E' muito difficil hoje elucidar com os nullos subsidios de que se dispõe, pelo desaparecimento de varias especies de africanos puros, o que traz todo o estudo sempre ligado a um erro por omissão, a que raças pertenciam e donde vieram os negros escravos, até porque presas de guerra eram colhidos em pontos differentes, os mais affastados e por consequencia das mais diversas raças. Assignala VARNHAGEN que a maioria era provinda de Guiné, (do Congo de Moçambique e costa da Mina, donde eram o maior numero dos que entraram para a Bahia, que ficava fronteira e de mui facil navegação, não se podendo indicar, porem, preci-

samente outros pontos originarios mesmo com um detido estudo anthropologico.

E' um problema irresoluto, de soluçãõ que não será extreme de falhas, o perquirir com visos de acerto a origem das raças africanas, até por motivos intrinsecos a ellas. O grande continente africano, cujos dois terços, immersos no mais profundo desconhecido, só aqui e ali desconfiados nas narrações de HERODOTO e DIODORO, não teve jamais estagnadas suas raças, muito ao revez uma transfusão complicadissima se deo por sorte a mestiçagem produzir os elementos da feição ethnica que elle tem em nossos tempos. Digressionando atravez as vastas regiões africanas, pondo a vista em sua distribuição ethnica, sem contender jamais nos pontos controversos, summariando a descripção a semelhança do que fazem os autores, logo na extremo norte se nos depara a vasta linha branca dos Berberes ou Lybios, aos quaes LETOURNEAU e HANOTEAUX deram origem europea, alem disso já tão cruzados desde as mais priscas eras com os Aryas, a tornar-se encontradiça na parte occidental, do delta do Nilo mystico com os Kamitas ou Semitas, brancos como elles, e mais para cima aproando a nascente do caudaloso rio, com os Nubios e Barabras (aos quaes se referem Tedas, Kanoris, Tuaregues etc.), que habitam todo a vasta região da Nubia, constituindo por sua associação os elementos da nação egypcia. Do lado do occidente, contornando a costa a linha lybia, se vem transfundir nos Yolofos (felupos) Mandingas, Melliugas ou Mellikés, nos Aschantis ou Fantis (Costa d'Ouro) e outros negros verdadeiros e mais ou menos puros que occupam a bacia do Senegal, de Niger e Ogouê, cujas massas consideravelmente espessas resistem ao crusamente. Do Sul, da costa oriental, vinda da Arabia, uma outra onda branca comprime para norte os Nubios e

depondo sobre o planalto Gallas, Somalis e Ethiopicos na variedade de sua coloração e mestiçagem, impelle para o oeste pela bacia do lago Tchad ao sul do Sahara, uma parte da população nubia, já mestiçada e que vae constituir os Peuhls, que misturados com os Lybios meridionaes, espalhando-se na Sengambia e Guiné constituem a classe dominante de Negricia occidental. (89). Para o sul uma grande raça negra de Abantus ou Cafres (*cafir*-infieis), descendo ás costas de Zangueber e Moçambique, subindo o Zambese vae em busca do oceano atlantico (Betchuanas mesticos cafro-hottentotes, para o centro, e os Damaras) para, tomando as posições dos Hottentotes, que já por sua vez mestiçados povoam a parte occidental da colonia do Cabo e dos Boschmanos, refugiados no deserto de Kalahari, os mais inferiores dos homens que habitam o globo.

Esses Bantus, que fallam uma lingua, a mais espalhada e melhor determinada das africanas, não são tão extensamente distribuidos quanto pode parecer porque (transcrevo um trecho de O. MARTINS), « se o dominio da lingua bantú é bastante vasta não se segue que corresponda ao *habitat* da raça que a denomina. Uma grande parte da Africa central, é negra e falla cafre ». (90) O que semelhantemente fez notar A. LÉFÈVRE quando em sua notavel monographia sobre as raças e as linguas, a estuda e considera. (91) Sobre elles têm-se construido as mais imaginosas theorias, apercebidos do argumento da semelhança de typos e physionomias continentaes, fazendo-os defluir da Europa, o que é manifesto devaneio, dizendo-os vindos do norte, affirmando a maioria com FRITSCH a frente, que nessa vasta messe de mestiços, pois como tal consideram os cafres, houve raças civilisadas e superiores que conheceram até a escripta, o que procuram demonstrar com os monumentos vindos de um

remoto passado, que encontraram os navegadores, como nos afirma Barros.

No centro da Africa, região lacustre, pantanosa e insalubre, vivem milhões de homens das mais atrasadas raças: Akkás (SPEKE) Niam-Niam (SCHWEINFÜRTH), Monbutús etc. sobre os quaes apesar dos heroicos escursos de LIVINGSTONE, STANLEY, BRAZZA, CAMERON, SERPA PINTO e tantos outros que as têm estudado, não reinam accordes ideias muito nitidas. Era no seio destas populações que os traficantes iam procurar os escravos, como ainda hoje o fazem os arabes; amiude subiam ao centro compradores que voltavam em breve trazendo grandes caravanas de captivos.

O Brazil teve principalmente, como pensa VARNHAGEA, já adiante citado, negros das terras do littoral do oeste que lhe ficam coufrontes, mas tudo leva a crer que a maioria dos negros vinham dos centros, eram colhidos aqui, acolá, em toda parte, pelos negreiros.

Nitidamente precisas que fossem as indicações sobre a proveniencia dos negros africanos do Brazil, pelo pallido escorço que pude tracejar, se presente as difficuldades de delimitação ethnica até pelo crusamento endo-nacional.

O Professor NINA RODRIGUES, que de longos annos se preoccupa com estes problemas, e que se deu a demoradas pesquisas sobre elles, resume em um quadro inserto no VII cap. de uma obra que tem em impressão sobre: *O Problema da raça negra no Brazil* e que com a devida venia aqui transcrevo, as raças de negros que acredita fossem trasidas para o Brazil. Classifica-os o collendo Professor em:

I Aschantis africanos puros (?) e mesticados.

II Negros Bautús: angolas, congos, etc.

III Negros sudaneses: nagôs, minas, gêges haussás etc.

IV Negros insulares, (92)

De facto são esses os exemplares que mais ou menos comumente existem e capazes de se terem em linha de conta em um estudo abreviado e geral de ethnogenia, ainda que se não possam afirmar exclusivas estas origens.

Antes de dizer algo do valor psychologico e social do elemento africano, é bom descrever o aborigene, que destes pontos de vista muito semelha ao primeiro, aguardando para, quando mostrar como os contactos se deram, fazer este estudo.

O aborigene deve, a pesar meo, occupar tão perfunctivamente a attenção como os outros elementos. Passo silencioso a margem das phantasias de T. BRAGA, que sustenta a origem turana do incola brasileira, bem como nem me envolvo com as asiato-genesias, vindas especialmente de traços physionomicos e de certos usos (do *tembeita* entre outros) vibrantemente contestadas por A. W. MEYER, nas pheniciomanias etc. Venho de factos adquiridos. A existencia do homem prehistorico no Brazil já na idade europea da renna é cousa passada em julgado depois da descoberta dos cranios da lagoa santa pelo eminente LUND, dos estudos sobre elles de LACERDA, PEIXOTO, HANSEU GANDRY etc., objectos de uma antiguidade provada como entre outros os recolhidos por VLARTO no Maranhão e tantas outras felises descobertas. Mas não vem de molde discutir aqui quando e como se formaram as raças autochnas brasileiras e simplesmente considerá-las como eram na occasião do descobrimento.

Seguindo o justo intuito, de classificar as raças varias que existiam na America do sul, já o abbade HERVAS as distinguira em araucânios guaranys, kehúas e karibes. ALCIDES D'ORBIGNY, por seu turno, dividindo-as em ando peruvianas, pampeanas e brasilio-guaranys tornou-se triphando o mesmo traço o chefe da theoria unicista das raças incolas do Brasil. B. C. DE ALMEIDA NOGUEIRA

proclamando que «a uniformidade do typo americano permanece e subsiste em confronto com os outros typos e as diferenças que apresentam entre si os diversos povos são apenas variedades e não são maiores que as que apresentam povos da mesma familia indo-europea entre si e ainda os mais variegados povos asiaticos», que «as tribus americanas inquestionavelmente se differenciam menos umas das outras do que qualquer uma dellas da africana ou caucasica e que o *abañeenga* tronco donde provieram o *guarany*, o *tupy* e o *amagua* estendeu seu dominio desde o Panamá até o Rio da Prata e desde os Andes até o cabo mais avançado da costa do Brasil que penetra o Atlantico a frontear com a Africa» sustenta tambem a unidade ethnica, parecendo-lhe provavel que «lá dos cabeceiros onde nascem os ingentes rios tambem defluiram as tribus desta dilatada raça de aborigenes que se derramaram por toda parte a leste dos Andes».

A base deste monismo exclusivista é falsa, porque reside nas opiniões de ORBIGNY principalmente, que estão hoje quasi todas contestadas e até mesmo invalidadas. Parece-me esta doutrina unicista proceder do facto de não serem completos os conhecimentos que ha sobre as linguas das raças incolas, como tambem nullas as informações que existem sobre usos, costumes e intellectos de grande numero de tribus e parciaes os estudos anthropologicos e ser, ao contrario, perfeitamente conhecida graças aos trabalhos de ANCHIETA, MONTOJO, e FIGUEIRA, ALMEIDA NOGUEIRA e MAGALHÃES o *abañeenga*, que os padres jesuitas chamavam da *lingua geral dos Brasis*. Tanto é verdade isto que MARTIUS () que estudou um grande numero de vocabularios, aliás incompletos, distinguio tribus do brasilio guarany, aggruando todos os indigenas segundo as linguas em: Tupys

O. C.

ou guaranys; guês ou crans (Caypós Chavantes, Geicós) crens ou guarens (Botocudos Puris etc.); goiatacases (Coropós, Patachos etc.); gucks ou cocos (Kiriris, Sabujas etc.); Parecis ou poragis (parecis, guachis etc.);— arnuacks (regiões visinhas da fronteira norte) e os guaycurús (Matto-Grosso) o que representa um meio termo. Aliás não são também impeccaveis; ao contrário quando o muito podem ser acceitos temporariamente. Entre outros os trabalhos de KARL VON STEINEN estudando a lingua, lendas e tradições, bem como a ethnographia dos bacahirys, dão valiosas razões aos que negam a unidade dos povos indigenas (MARTINS JUNIOR).

Em campo opposto se collocam os que defendem a polygenesia brasileira e modernamente entre elles nenhum melhor estudou o assumpto que PAULO EHRENREICH, cujos trabalhos, citados pelo eminente MARTINS JUNIOR, pude lêr traduzidos na Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro (93).

Critica este auctor sensatamente a tupimania, comparando-a á decantada celtomania, accrescentando: «Deslindar o parentesco dos typos anthropologicos entre si a ethnologia por si não o pode fazer, porque difficilmente poderá provar que typos semelhantes sejam da mesma origem e typos diversos de origens differentes sem tomar em consideração as linguas» «já IM THURN demonstrou quanta importancia fundamental possui o principio da classificação linguistica, especialmente para os povos sul americanos». Aparte o exclusivismo deste modo de ver, tão commum em quem se especialisa e aprofunda no tratar uma sciencia e a julga basica, unica e verdadeira, é justo concordar que grande verdade nellas se contém. Com effeito as linguas, o melhor vehiculo das civilisações, que por si só representam toda a vida psychica anterior de um povo, por sua organização interior, relação e grãos de parentesco que as unem, pelas

analogias de estrutura, são uma preciosa fonte de conhecimento historicos e anthropologicos pois que recuam a periodos muito mais longiquos de que a tradicção; pelo « seo estudo comparativo, evidente torna-se como raças separadas por varios paizes são unidas entretanto entre si e originarias de um mesmo ponto », (HUMBOLDT) (94), ellas revelam as marchas migratorias dos povos na permanencia de determinadas formas, na decomposição e composição de seo conjuncto.

Emfim, (é pensar de HÆCKEL) ao lado de considerações anthropologicas puramente, não deve o ethnographista abandonar as informações linguisticas que lhe serão muitas vezes o fio de Adridne em meio ao labyrintho inextricavel de um passado remoto. « A sciencia da linguagem não é pois somente uma sciencia natural, mas muito particularmente uma sciencia anthropologica e ethnographica ». Dão estas considerações sobejos-revigoramentos aos estudos de ERHENDREICH, inegavelmente cuidadosa e proficientemente feitos, pois a ellas é que os sujeita o auctor.

Não é pois despido de senso que, me preocupando apenas com o povo, como o encontraram os primeiros exploradores, a accete como a melhor, o que alem de tudo me favorece a excelsa companhia do lucido espirito de um talentoso brasileiro, que em quejandas conjuncturas tambem a accitou (95).

- Divide P. EHRENDREICH os habitantes indigenas do Brasil em oito grupos:

- I—Tupis,
- II—Ges,
- III—Goytacases,
- IV—Carahybas,
- V—Nu-aruaacks,
- VI—Panos,

VII—Miranhos,

VIII—Guaycurús.

A maioria das tribus fazia parte das familias Tupis, Ges, Nu-arucks e Carahybas. « Da gemma do continente espalharam-se os tupis em todas as direcções, os carahybas foram para o norte, ao passo que do norte vinham os nu-arucks, de leste os gês a penetrarem no interior. Os carahybas vieram do Tapajcz e Xingú para o Baixo Amazonas e seguindo o curso de seus afluentes para as Guyanas, (bacahyrys nahuqas, apicas apalai etc.) Os nu-arucks, vindo da America central pela costa, estendem-se até o Perú, donde parte um ramo que vem ao centro do Brazil (manãos e arnakis). Os tupis vindos da Bolivia do Paraguay occupam não só todo littoral brasileiro do Pará até o tropico do sul, mas ainda estendiam-se até o baixo Amazonas (tamoyos, tupiniquins, tupinambás, etc.) (EHRENREICH) (96) Os gês, a que pertencem os aymorés, inferiores aos tupis e por elles chamados tapuias (barbaros e estrangeiros) dominam toda a metade oriental do paiz. Como conjectura MARTINS JUNIOR os portuguezes encontrados em primeiro logar em os tupiniquins, que, diz M. REY (97) fiando-se em phrases de F. DENIS, habitavam com os tupis os arredores da Bahia, foram-se, a proporção que se foram estendendo, pondo em contacto com quasi todas as outras. Agora rapidamente tracejada a feição anthropologia dos dous elementos inferiores, urge se os considere, tambem em traços geraes (que as vistas mais particulares hão de surgir posteriormente e á medida que se forem estudando os contactos das raças e sua mesticagem), em o valor e as condições psychicas e sociaes que lhe eram inherentes.

E' facto liquidado, que embora uns mais adiantados que outros, o gráo de civilisação do incola brasileiro era o mais

rudimentar imaginavel. Nomades, caçadores, em sua generalidade, desconhecido o uso dos metaes, guerreiros, ainda nem se davam á agricultura, apesar da contradicta de Couro MAGALHÃES (98), estadio superior de civilização a que não haviam ainda attingido. Quanto a instituições sociaes, que reflectem directamente o estado de cultura do povo, como se depreheende, das informações dos mais autorizados exploradores, eram ellas as mais primitivas. Sem a minima noção de Estado, tendo da familia e da propriedade uma idéa vaga e confusa, não conhecendo outro direito que a força (GLASSON) (99), em sua maior parte, havia, porém, entre os indigenas brasileiros alguns que já tinham constituido como centro de convergencia associativa seu chefe com poder unico e superior, reconhecido por suas insignias e ouvindo em outras o conselho dos velhos da tribu, indo na organização da familia da mais perfeita promiscuidade a habitos puramente monogamos.

Em materia de religião andavam pela astrolatria alguns e outros pelo mais rudimentar feiticismo (100). De intelligencia viva, ainda que nimamente mal desenvolvida, fortes, eram entretanto extraordinariamente indolentes, facto notado já pelos colonisadores.

Quanto á escravidão (este ponto é importante) vinda da guerra, recusando sempre as tribus, o perdão a seus prisioneiros e em geral, os que não eram anthropophagos, matavam-nos, só levando as mulheres e as crianças que eram educadas na tribu. Deprehende-se, como pensa GLASSON, que, em geral tratavam os escravos com doçura, consentindo tomassem parte em todas as festas e cerimoniaes da familia. ANCHIETA e VARNHAGEN dizem que um tupi podia desposar uma escrava e o filho era livre, bem como um escravo podia se unir a uma filha da tribu, seguindo neste caso o menino

a condição paterna. MARTIUS (101) nega este facto; contradicta que explica a differença de habitos e costumes entre as tribus.

Emfim para não perder o tempo escasso, em synthese, nos rudimentos destas intelligencias, apenas accordadas, manifestavam-se as primeiras formas da sociabilidade humana. Taes eram, *currente calamo*, os aborigenes brasileiros, «acossados pelo cyclone de uma civilisação intolerante, sanguinaria e devastadora, que se lhe apresentava na brutalidade de uma cultura balda de sentimentos affectivos». (Clovis) (102).

As opiniões, em sua maioria, que se tem formado sobre o valor psychó-social do negro africano, elemento muito mais importante, que o incola na ethnogenia brasileira, obedecem a preconceitos de ordem puramente moral. Insistem uns, adscriptos á acanhada esphera de sua religiosidade ou pessimismo, na absoluta inferioridade do negro, incapaz de qualquer esforço que não, da mais infima animalidade, enquanto outros, reagindo a taes conceitos, doutrinam um tanto exageradamente sua superioridade, quando nada intellectiva.

Não anda a rasão nem de um nem d'outro lado; ambos peccam por exclusivismo.

Antes demais. Aqui não vem a pello o miudar as condições psychicas e sociaes do negro, que dão vasta messe para feitura de volumoso e complicado estudo; muito ao revez, apenas aqui trago, sem grande detenção, perfunctoria vista sobre sua cultura, levemente aflorando os pontos mais benemeritos de attenção, isto é, que melhor revelam seu valor psycho-social.

Acompanhando o sentir de ZIMMERMANN (103) e HARTMANN (104) entre muitos, que aconselham sabiamente o alvitre de estudar-se o negro em sua patria, em o meio cultural que

lhe é proprio, para bem apanhar as modalidades de ser de seo psychismo. Nesta conformidade intento a analyse.

Se os Boschimanos resentem-se desta phase primitiva de civilisação, que se pode dizer semelhante á puericia em seus mais verdes annos e permanecem nesse nomadismo caçador que affasta qualquer tentativa de cohesão social se quasi são desprovidos de manifestação de ordem moral e se nas intellectuas se arrastam em infimo concretismo ja com todas as raças africanas não se passa o mesmo. Os Hottentotes, que lhe são convisinhos, marcam um primeiro passo no evolver humano, suas cidades nomades já recordam a organisação do *clan* primitivo. E outras raças negras, ha muito que deixaram esta feição primitiva e já avultaram em seu seio monarchias despoticas e aristocraticas, que bem configuravam esboços de organismo social mais complicada. O individualismo primitivo cedeu logar ao collectivismo no que tem ingerencia com a propriedade.

A respeito da familia, basilar suporte, nucleo essencial da formação social, deu-se um semelhante movimento e á promiscuidade de procura exogamica fez sequencia a polygamia individual. Habitos e costumes longamente guardados constringem em varias tribus esses actos|a um ceremonial solemne de que se desprendem não raros institutos juridicos. Em esses estadios inferiores, como não passou despercebido a LETOURNEAU, não ha relação necessaria entre o modo intellectual e o moral ou o affectivo da mentalidade. Facto é este que confirma a existencia do canibalismo em raças relativamente superiores como os Monbutús. (105) A' uma selvageria bestial corresponde um desenvolvido estadio de cultura material. Os Aschantis, que já representam adiantado passo do ponto de vista do desenvolvimento da organisação social e industrial, costumavam comer o coração dos inimigos vencidos, como testemunha BOWDEN (106)

Du CHAILLŪ (107) relata que em certas tribus não é evento censurado, muito ao envez louvado, o matar homens, mulheres e creanças durante o somno traiçoeiramente, tanto mais para admirar quanto na guerra revelam notavel lealdade.

LETOURNEAU fiando-se em BURTON e LAYLAND, affirma que a insensibilidade moral é regra entre africanos, as ligações affectivas são nullas. Entretanto o proprio BURTON (108) falla mais adiante em favor da sensibilidade do negro. O amor maternal é extraordinariamente desenvolvido. Não se resente de polemica tal assento: as mães amam profunda e carinhosamente os filhos. Nas negras do Brasil este facto é de uma evidencia pasmosa: sua affectividade é tamanha que ascende ás alturas do sacrificio com os proprios brancos que creavam (109), ainda que logo crescidos estes, diminuem ou mesmo quebrem-se estes laços.

Os Cafres Betchuanas, no descrever de LIVINGSTONE, amam tambem delicada e meigamente as crianças da tribu. (110)

Leviano, versatil e mentiroso, avulta no negro a imprevidencia, de tal quilate que admira. BERANGER FERAUD, SPEKE e HOVELACQUE dão disto copiosas provas.

Andam todos immersos na phase inicial do desenvolvimento intellectivo, em que o cerebro carece de continuas excitações externas para seo funcionar. Nos proprios Cafres debalde procuraram os missionarios em sua lingua uma palavra para significar entidades abstractas da sciencia dos numeros, mesmo os contagiados por civilisações superiores, não sabiam grande cousa, amparando-se sempre aos dedos das mãos e em alguns dos pés. Amam a danza, a musica rythmica e monotona, as cores diversas contrapostas. A excepção dos Hottentotes eram todos mais ou menos agricultores. Nas artes e industrias o facto a notar-se é que conheciam perfeitamente os usos do ferro. Suas armas, ainda que em certas populações

do centro fossem de pedra e madeira, na maioria eram de ferro mais ou menos trabalhado.

O Fungés e os Nubas como os Bantús trabalhavam habilmente em fundir o ferro. SCHWEINFURTH elogia a pericia e a magnificencia dos Monbutús nos trabalhos de cobre, que já faziam. Os Achantis como os Haussás dedicavam-se ao lavor de ornamentos e joias em que se delineavam incios de esculptura. Entretanto os Betchuanos como algumas outras raças do centro são despercebidos de qualquer industria.

No terreno religioso, com o qual adiante com detença me encontrarei (111), os africanos andavam pela maioria nas sombras do animismo mais grosseiro e primitivo, variando em mil tonalidades varias, indo alguns aos estadios primeiros da phase polytheica. Por outro lado os contactos das raças que demoram na vasta zona que vae da Gambia e do golpho de Guinéa á Abyssinia com berberes-tuaregues e representantes outros de civilizações adiantadas, plantaram o islamismo em seo seio, o qual se infiltrando atravez populações varias, ora estaca, ora evolve, ora se modifica. Este é o parecer dos competentes. No Brasil os negros vindos obedeciam a estas duas correntes religiosas como desprende a analyse paciente de meu mestre professor NINA RODRIGUES (112).

Em summa, recapitulando, o psychico do negro é o de uma criança adulta, seo valor parelhamente mostrando-se em estadio semelhante. Venha aqui uma reserva que evita objecções: quando affirmei paginas antes que medeiava o intellecto do negro nas vacillações materiaes da phase concreta, se me não deslembrou que em seo seio existem não raramente individuos que se podem altear a melhor construcção mental. Entretanto o commum, muito especialmente observado pelos missionarios, mesmo nas colonias,

é que, apresentando nos primórdios da infância, viva e plástica intelligencia, mal passados os primeiros annos estagnam, não progridem.

Surge, blindado do consenso secular, um preconceito em relação a imperfectibilidade das raças inferiores, que carece colhido desde agora; prejuizo improvado e injusto que a metaphysica gerou e o misoneismo conservou. Um bom numero de auctores, vendo na raça o unico factor das civilizações, doutrina que no universo ha raças superiores e nobres capazes de realisarem progressos indefinidos, elevarem-se aos mais altos cumes das especulações mentaes e raças inferiores e vis que se poderem passar da barbaria, com certeza não irão alem de medriocridade, esquecendo-se de que nas sciencias exactas o principio das causas multiplas impera sem competidor, que a prodigiosa complexidade dos phenomenos vitaes no organismo social é elevada ao quadrado (Novicow). (103)

Os titulos de superioridade psychologica da raça branca assumem as proporções extraordinarias de dadiyas divinas immutaveis e a um pessimismo que prognostica o acabamento da raça branca se antepõe um optimismo exaggerado garantindo que as inferioridades das raças descoradas, inferiores chamadas, jamais se poderão apagar. Não parece consentaneo com os dados da sciencia moderna esta inferioridade estacionaria e absoluta, que se explica pela fanatasia de uma decadencia declamada longamente em soporificos tropos; não me parece que, na grande especie humana haja raças tão fundamente distinctas e separadas, inconfundiveis, por serem umas de uma inferioridade intransponivel e outras de uma superioridade unica.

Ao magnificente esplendor das conquistas dominadoras de LAMARCK, DARWIN e tantos outros, acompanhando-os na

gradação evolutiva dos seres, desde a *monera* á forma humana perfeita e complexa, passando pelo *pithecoide* eretino e abalo, lumina-se innegavel a verdade de que, producto do meio, não admittem as raças esta systematisação de fixas hierarchias ethnicas humanas.

Não tem este modo de ver passado em silencio FIRMIN, um erudicto, não ha muito que condemnou em um livro de combate os eparsos argumentos que militam contra este multiseccular conceito. Se levasse em mira sondarlhe a origem, bem se vê que iria procural-a nas idéas commumente reinantes acerca da humanidade, consequentes de dogmas religiosos que por muito tempo assenhorearam-se de todos os espiritos; sendo, porem, todo outro meo desejo, apenas aponto tropos de auctores em que se evidencia a forma mais intolerante de tão desarrasoado pensar.

G. LE BON, aproveitando-se de uma classificação reinante, hierarchisou a humanidade do ponto de vista-psychico, unico de que elle se occupou em quatro grupos: 1.º raças primitivas, em quem se incluem os incolos brasileiros; 2.º raças inferiores, os negros; 3.º raças medias, os amarellos e 4.º raças superiores, os brancos, que se « separam por um abysmo mental » das outras (114).

Por ahi se depreheende o alto gráo de estavel inferioridade que se attribue ás raças inferiores (incluindo nellas por vantagens de methodo as primitivas, de que quasi se não separam). Este modo de ver não é novo.

HOUSEAU exclamava: « A meus olhos é tão difficil fázer de um selvagem um homem civilizado, quanto fazer um homem de um macaco » (115). BURMEISTER, que andou pelo Brazil, diz que os incolos se comportavam como animaes desprovidos de toda intelligencia. (116) LALEMENT no auge de sua convicção, bradava ante os botucudos do Norte: « Adquiri a dolorosa con-

vicção de que existem tambem macacos bimanos ». Não é tudo. Os missionarios, tanto os que iam á Africa como aquelles ingenuos padres que para o Brasil vieram, são unanimes em affirmar que as tentativas de educação são infructiferas pela estupidez dos negros. Mas estes missionarios andavam embahidos no metaphysicismo de que eram todos os homens dotados de uma alma e tendo-a egual deviam se logo elevar de um grão inferior, num só impulso, a um superior sem passar pelas transformações que se tornam indispensaveis. O que mais em admirá que KOSERTZ estudando os negros africanos do Brazil affirme: « Tenho firme convicção que a raça africana não pode attingir o desenvolvimento intellectual do qual são susceptiveis as raças brancas. O negro vive em estado de pura natureza e é extranho a nossa vida toda de razão ». (117) Enganou-se evidentemente o valente sabio, o negro em contacto com a civilisação, fora de seo meio, melhora consideravelmente. Isto é um facto de que tenho abundantes provas e que é assignalado por todos. VIANNA de LIMA diz: « Vê-se o negro do Guiné, transportado para America aperfeçoar-se gradualmente, sem que tenha de recorrer ao crusamento; a coloração da pelle e mesmo o craneo modificam-se sensivelmente; o clima lhe convem e age evidentemente de uma maneira favoravel. » (118) HARTMANN assignala: « O negrito transportado para o estrangeiro soffre uma transformação analoga (119) mas muito mais lenta. A côr da pelle aclara-se, a cabelleira se adelgaça, com as gerações os traços são menos rudes, os lablos diminuem. A maneira de ser que têm em suas tribus e que se manifesta ainda nos recém-chegados (*negros novos*) desaparece pouco a pouco nos creoulos. Emfim elle melhora ». (120) CORRE conjuntamente faz notar este facto. (121) ELISÉE RECLUS corrobora o asserto com a observação da civilisação e adiantamento da jamaica. (122)

Novicow o affirma (123). QUATREFAGES, aliás tão mal informado acerca do Brasil, diz: «O negro transportado para os mesmos paizes (americanos) soffreu mudanças notaveis. Sua cor impallidece, seus traços ganham, sua physionomia se modifica» baseiando-se em um dicto de RECLUS (já citado): («No espaço de 150 annos» pelo menos «sob o ponto de vista do aspecto exterior, atravessou um bom quarto da distancia que o separava dos brancos») em observações do LYELL, do Dr. VISINIÉ e acaba affirmando: «Ajuntemos com REISER, LISBOA e mesmo com NOTT e GLIDDON que no negro a intelligencia cresceu, ao mesmo tempo que o typo physico se modificava e é necessario reconhecer que se formou nos Estados Unidos uma sub-raça derivada de uma raça importante». (124) E poderia prolongar por longo tempo estas citações.

Mas volvendo a questão. Dado como acceito e incontestado que a conformação rudimentar dos craneos, sua menor capacidade, maior espessura de suas paredes, o desenvolvimento exaggerado das arcades superciliares, as synostoses, a redução do *crysta nasalis*, o prognathismo exagerado sub nasal, a maior densidade e duresa dos ossos a semelhança dos ossos do homem primitivo provada pelos trabalhos de BURMEISTER (124), BROCA (125), HARMY e SCHAUFFHAUSEN (126), a conformação da bacia, dos ileons, a maior accentuação das curvaturas do rachis, as saliencias insertivas dos musculos, do lado da ossatura, os caracteres assignalados por GIBB e GIACOMINI para a conformação podalica,—que representa tudo isto um estadio inferior de desenvolvimento, é logico admittir-se que ou por tal estado passaram as raças superiores ou então sendo estas delle isento é caracteristico das inferiores.

Convindo, entretanto, notar, antes de mais, que a variabilidade destes caracteres está provada sufficientemente. Em VIANNA DE LIMA se me deparou um argumento digno de ser

transcripto... «LE BON», diz elle, «por exemplo, provou que 5 % dos craneos dos parisienses apresentam actualmente uma capacidade que oscilla de 1800 c.c. a 1900 c.c., cifra que está muito longe de ser attingida pelos parisienses de seculos passados e muito menos pelos craneos das raças prehistoricas» (127) PEARSON (128), inclinando-se á primeira hypothese das acima formuladas, narra-nos que os brancos, os melhores por serem talvez os ultimos dentre os homens, nascidos lá em um canto d'Asia, se tinham fortalecido aos poucos attingindo um elevado gráo de desenvolvimento e em epoca indeterminada, ha muitos mil annos passados, invadiram á Europa e massacraram as raças autochtones que ahi permaneciam. Não se lembrou o A. cit. que destes aryanos perfeitos vieram slavos e germanos, puros barbaros, de que nós fallam os auctores latinos, os quaes não passavam muito o gráo de cultivo dos africanos. Novicow criticando as ideias de PEARSON lembra-nos: «Toda esta epopea aryanica é um puro romance, uma pura fantasia». (129) Mesmo que isto se tivesse dado o acabamento total da raça autochtona é um absurdo difficil do merecer fé.

A primeira hypothese, menos pueril que a outra e mais accepta que ella, é confirmada pelos trabalhos de G. SERGI sobre o homem primitivo da Europa, que elle affirma foi habitado pelo homem euroafricano que adquirio caracteres especificos e se transfundio com o que mais tarde o invadio. Recorrem então os contradictores a affirmar que de facto o branco passou por estes estadios, mas que o negro não pode delles ultrapassar pela incapacidade de progresso, sob qualquer ponto de vista, o que vem a diser que o negro é uma especie viva immovel. Não ousou affirmar que todas as raças humanas as mais primitivas, taes como os habitantes do deserto de Khalari e os anões Dokos, v. g., aliás muito supe-

riores a nossos antepassados quaternarios, sujeitas as condições dysgenesicas inherentes a um meio de que se não podem furtar, possam aperfeiçoar-se, que não haja alguma que não tenda a desaparecer, encantoada em seu solo e primitividade sem elementos de cultivo; ahi estão para contradizerem se tal affirmasse os antigos californios tasmanianos e os actuaes esquimós. Mas aqui o problema é todo outro, com as raças africanas em sua generalidade, com raras excepções, não se passa o mesmo que com estes.

Consequencia do transformismo é que uma raça ou se aperfeiçoa e progride ou degenera e desaparece. Não ha meio termo. E portanto, ou o africano aperfeiçoa-se ou então tende a degenerar e a desaparecer, o que não é por maneira nenhuma accerto, nem exacto. Ao contrario os economistas temem-no pela «potencia imbecil do numero» na phrase de MME. BARINE, (130) pois, mesmo fora de sua patria «os negros são cada dia mais numerosos» (ESTOURNELLES DE CONSTANT) (131) e elles, tem já, como diz FAGUET (132), armas naturaes superiores ás nossas—a sobriedade e a prolificidade. A degeneração do africano, por sua inaptidão á marcha evolutiva, traria como consequencia sua desaparição e portanto desde já se deviam notar diminuições em seu avultado numero. O que se dá porém é o contrario. Fora dos climas nataes em regiões mesmo em que se não adaptam bem, os africanos são de uma polifidade pasmosa.

O absurdo, pois, o que é inadmissivel e insustentavel é que haja uma só raça immutavel.

Ao facto de ineducabilidade dos negros, erigido em principio por LE BON (133), estudado e repetido por todos os exploradores, permeia-se o melhoramento psychico e physico notavel que assignalei, em nossos climas por maneira a attingir nos descendentes um gráo de cultura superior. Ao

pensar de CORRE (134) que afirma não passar esse progresso de simples «verniz externo», o que aliás já seria um grande passo, contraponho observações que tenho de negros descendentes em 3.^a e mais gerações de africanos escravos, sem mescla de sangue estranho, occuparem com brilhantismo posições salientes em profissão liberal.

Batidos neste ponto refugiam-se em que, embora susceptíveis de aperfeiçoamento, jamais conseguirão taes raças attingir ao gráo de perfeição europea.

Tenho de me avir agora com um evidente sophisma. Pois se as raças são perfectiveis, porque tem marcado o limite de sua perfeição, porque dada eugenesia dos meios em que vive não poderá subir ao mais alto gráo de perfeição? Porque, responde-me LE BON (135) «não ha nem houve nunca entre raças inferiores um certo numero de cerebros muito desenvolvidos». Isto é querer transformar a ordem historica. Ninguém ignora que ás grandezas dos problemas dizem respeito condições sociaes, que geram as necessidades de determinados escogitações, de certas syntheses; nenhum genio creou cousa nenhuma, apenas condensou e synthetisou cousas esparsas. Os grandes homens, os cerebros melhores das raças inferiores occupam-se tambem com grandes problemas de sua cultura. O homem que inventou o machado, que fundiu primeiro os metaes foi evidentemente superior a sua epoca, a vasta classe dos feiticeiros é em sua maioria, composta de individuos de grande talento que abusam da credulidade das multidões selvagens.

Esperar que haja OS NEWTON, OS KEPLER, OS PASTEUR entre os cafres é transmutar a ordem historica. A precedencia da civilisação é que explica este phenomeno invocado e ella não indicá immanencia de qualidades superiores. O grego em relação ao phenicio, e romano em relação

ao grego, os povos europeos actuaes em relação aos romanos poder-se-iam considerar verdadeiros barbaros, pois no tempo em que a mais adiantada civilisação reinava em uns, outros jasiã na mais inconcebivel barbaria. O meio vae aos poucos ensinando as raças e assim constitue seu cabedal psycho-social no qual trabalham milhares de gerações, não só de sua raça como de raças differentes, que com ella se poseram em contacto (os individuos insulados em um paiz, sem contactos extranhos continuos vagarosamente progridem).

A evolução explica a diversa complexão mental dos povos. A organisação physica e psychica é simples producto da adaptação ao meio physico e social. E' decantado absurdo trasel-a como argumento de superioridade (FIRMIX). (136) Finalmente, (admuro-me ás phrases de LETOURNEAU) «estou muito longe de crer incuravel a debilidade mental das raças actualmente inferiores. As raças hoje superiores estão longe de sel-o em todos os lados de sua natureza e civilisação. Emfim as historia scientifica do genero humano proclama que todos as raças começaram pela mais bestial selvageria e que o progresso mental resulta de uma longa educação da qual são mais ou menos susceptiveis todos os typos da humanidade» (137).

Consequentemente muito me affasto desta hierarchisação permanente das raças humanas. Não levanto tambem o absurdo de que possam as raças menos civilisadas, pondo-se em contacto com civilisações superiores, se transformarem, adquirindo toda essa complexão intrincada da cultura actual de um momento para outro; seria igual absurdo ao que combate, em o qual cahiram os portuguezes que colonisaram o Brasil. Affirmo, entretanto, que estas raças se irão pouco a pouco transformando, dia a dia melhorando, por sorte a poderem em futuro mais ou menos remoto, ajudar o desen-

volvimento de nossa propria cultura e que não são a vasa deleteria da humanidade refractaria a qualquer cultura.

II *O crusamento*. A distribuição destes elementos ethnicos não foi igual para todo o Brasil. Se o incola existia em todo elle, o elemento branco predominou no Sul (já no inicio da colonia, apesar de convergirem as attentões das cortes de Lisbôa para o Norte, já posteriormente, nestes ultimos tempos, pela immigração enorme de allemães, italianos especialmente), —o que trouxe como consequencia a diminuição no Sul do elemento negro que já de si entrara em maior escala para as provineias do Norte. O Sul, favorecido por um clima europeu, é habitado em sua maioria por individuos brancos de origem italica, teutonica ou belga, formando populações em que o character do estrangeiro vaé aos poucos predominando. E' no Norte que para mim, se hade constituir ethnicamente pelo menos a futura raça brasileira; é no Norte que a immigração pequena não conseguiu remodelar, transformar e appropriar-se da feição ethnico-social. E' ao norte que me refiro, fasendo especialmente resaltar os motivos de tal proceder quando estudar o meio physico-social.

Com a materia prima de condemnados e judeos degredados, de criminosos homisriados, de mulheres mais ou menos perdidas e muito rara gente boa, foi o inicio da colonisação do Brasil, onde as coações legaes eram as vontades soberanas dos capitães-mores, um tremendal de vicios em que a corrupção moral e a licença de costumes, concorrendo para facilitar o crusamento das raças, deo a escravidão das inferiores o cunho mais profundamente deshumano que se pode imaginar. Os proprios jesuitas, imbuidos do principio metaphysico da egualdade humana, apesar de terem prestado relevantes serviços, trouxeram seu contingente ao augmento dos rigores escravistas, no conceito de que mais vencidos que

convencidos teriam os indigenas e negros salvas suas almas. (138) A crueldade dos capitães-mores, o commercio ignobil das *bandeiras* que iam aos sertões *descer* indios, o morticínio e atrocidade destes primeiros tempos, que recorda o proloquio popular «mata que el-rei perdôa», explica o estado de profunda degradação moral dos primeiros habitantes brancos do Brasil, excitados pela licenciosidade dos costumes, bem como pelo clima. Os africanos, cujo trafego crescia assustadoramente (provavelmente a 60.000 immigrants africanos de 1831 a 1840,) e os proprios jesuitas se tornando mercadores (O. MARTINS) (140), sujeitos aos mesmos rigores dos aborigenes e que, pela indolencia destes e pela inaptidão do europeu ao trabalho no tropicose, eram seos unicos cultivadores, tornando-se os accumuladores da força mecanica, eram tratados como uma especie de gado humano. Manuseiando estatisticas que pude achar, as quaes peccam sempre por omissão, jamais por commissão ou excesso, se me depara que sendo de 60 % aproximadamente o numero de africanos vindo de 1830 a 1840 e baixando a 15 % em 1841, sobe em 1848 ás proporções extraordinarias de 54 a 59 %. Enquanto já de 1766 a 1776 sob D. José, Pombal prohibia a entrada aos negros escravos em Portugal e Madeira, declarando-os livres em 1773 (janeiro) no Brasil a immigração durava até 1857. (141)

O europeu começou no Brazil a cultura quasi que exclusivamente pelo negro, cuja personalidade teve papel indiscutivel em a civilisação da colonia.

Os portuguezes, desde os fidalgos aos peões, impunham aos indigenas e muito especialmente aos negros um captivo horroroso. Pelos tempos adiante os *senhores de engenho*, resquícios do portuguez e suas fracas mulheres excitadas pelo clima e alimentação, sensuaes e lubricas, exce-

diam os primeiros colonisadores em barbaridade. Não ha ponto do Brasil em que não tenham existido estas celebres familias de barbaras mulheres, cujo estudo será um bello capitulo da criminalidade brasileira. Era uma matança geral, na phrase de CORRE (141) os castigos mais barbaros eram inflingidos aos negros por cousas de nonada e em logar de qualquer outra educação, os *senhores* acostumavam e dirigiam no crime. não raro era verem-se familias inteiras atacadas e massacradas pelos negros a mando de tradicionaes inimigos. Aniquilado, o negro nutria um odio profundo á raça branca; os *quilombos*, as revoltas não lhe dava vasão ao odio; dominado preferia aos meios violentos esta lucta obscura contra o prepotente, substituindo a surpresa nas estradas aos meios occultos e como todo ser sem esperança recorre a religião, como lembram aquellas estrophes de SCHILLER. (142) e a feiticaria começou a dominar nas praticas abominaveis do venificio. Sem esperanças, sem o consolo das recordações de sua patria longiqua, tratado como animaes. ao contacto de um systema que impedia a formação de ideaes o physico deprimido por um trabalho excessivo o negro não melhorou quanto podia, se fossem menores os rigores do captiveiro. Não se supponha que eu crimine a escravidão dos negros, como factor desgenesico em seu aperfeiçoamento, o que seria um absurdo, pois, apesar de menos rigorista ella existia na Africa e é natural que nada de novo lhes sendo imposto, se não ressentissem della, como se deo com as raças *musulmanas* que para a que vieram, as quaes em seo paiz sob o regimem de um captiveiro mais doce (HARTEMANN) (143) sempre se revoltavam contra os rigores que aqui soffriam (144). O papel da escravidão foi favorecer e augmentar o desequilibrio moral dos brancos, fructificar em uma caudal de crimes horrorosos que não deliam mais ex-

citavam antes puros barbarismos, impedir que os contactos mentaes francos das raças fossem por uma educação mais methodica, favorecendo a melhora do negro, que alias se deo em larga escala e finalmente alimentar este odio da raça de que ainda hoje se ressentem as raças creoulas. O portuguez pôz-se em contacto com as raças inferiores ou como explorador para encher-as de crimes e crueldades, ou como devasso indusido por sua sensualidade, crusando-se com ellas. A' dobrez de animo de nossos primeiros habitantes, a sua facilidade de costumes se deve o crusamento das raças que amalgamadas, fundidas, vão constituir a feição ethnica do paiz, a qual já se pressente na hetrogeneidade de sua meta-chimica e sel-o-á mais tarde na unidade mais ou menos perfeita de um typo brasileiro.

As escravas negras e indigenas serviam indifferente-mente aos prazeres de toda a familia dos brancos e a mestiçagem crescia na complexidade das mil formas em que entravam, ora dous, ora já tres dos elementos ethnicos. A questão deve ser encarada de um ponto de vista mais geral, menos historico, mais antropologico.

O crusamento, o mais bello e complicado dos pontos em que se degladiam as opiniões dos anthropologistas, tem a meo pensar, semelhantemente ao que se da nos animaes e vegetaes, um papel benefico no processo demorado da integração ethnica, um papel euphorico na condensação do protoplasma ethnico. Não creio, que na especie humana haja já mais casos de hybridismo; trata-se sempre de simples mestiçagem. As differenças entre uma e outra raça não são na humanidade tão profundas como as que separam as especies animaes ou vegetaes, mesmo porque, provado que não é permanente e eterno o estado de inferioridade de certas

raças e admittido que ellas possam attingir ás perfeições das outras, se é forçada a concluir a unidade da especie humana.

Nos diversos grãos da escala biologica em que se dá, a mestiçagem melhora sempre a especie. Com effeito a tendencia accumuladora da herança não existe tão profunda como no caso da união endogama, ao contrario, tendencias oppostas se contrapõem e destroem e as analogas se affirmam mais ou menos fortemente perfectas, de sorte que o producto não degenerará senão quando as raças cruzadas forem já degeneradas, o que aliás será de muito peor effeito quando união fôr endogama. Taes considerações são applicadas com as devidas reservas e differenças aos povos.

REIRMAYER em seu valioso — « *Inzuch und Vermischung heine Menschen* » (145) estudando as condições de vitalidade das raças, affirma que ao florescimento dellas torna-se necessario que a uma serie de gerações endogamicas succeda uma serie exogamica. Vindo completar a obra de LORENS sobre a geneologia scientifica, estudando o crusamento com proficiencia e perfeita erudição, numa multiplicidade copiosa de exemplos e de notas, prova que sem endogamia não pode haver formação de castas, indispensaveis para a divisão do trabalho, requisito basico da possibilidade da cultura. Tendo em vista porem, como já fiz resaltar, que a causa da força integralisante e util da endogamia reside no legar ininterrupto de caracteres desenvolvidos e aperfeiçoados, desde os caracteres intrinsecos da raça até as tradições religiosas, linguisticas e sociaes, forçada é a conclusão de que esta herança integra não é nada propicia á robustez ethnica. E nisto está a necessidade da mistura e nisto reside o papel util do crusamento. A endogamia sem a interendencia da exogamia, como esta sem aquella, constitue um

elemento de lethalidade para a raça. Mas nem todos os auctores filiam-se a este modo de pensar; MORTON, PERRIER e GABINEAU entre outros tomaram a frente dos que affirmam a influencia nociva do cruzamento sobre a especie. GABINEAU em um livro celebre e classico no assumpto, se alteia ás origens da humanidade, que residem em tres raças fundamentaes) negra, (Africa) branca (centro da Asia) e amarella (America), vivendo numa desgraçada fraquesa intellectual e physica, incapazes de progresso, do que só se isentava a branca onde se depunham todas as perfeições humanas. Foi o cruzamento desta raça privilegiada com as coradas que gerou todas as civilisações do mundo, que são enumeradas por elle (Assyria, Gréga, Italica, Mexicana, Germanica, Alleghaniana e Peruviana). (GABINEAU).

Quando o sangue branco enfraquecia na mistura a civilisação apagava-se. Por isso nós, que ainda resistimos pela transfusão do sangue barbaro no mundo romano, o qual já se acha viciado, porém, na mistura, vamos em escarpado declive até o desaparecimento da humanidade. O que tudo redunda em uma palinodia primorosa da omnipotencia branca, que se edifica sobre o terreno falho de cousas imaginadas e donde poder-se-ia concluir, ao contrario delle, como notou QUATREFAGES (136), a influencia potente da mestiçagem no progresso humano. PERRIER, que só conheço atravez de QUATREFAGE (137), affasta-se mais do romantismo de GABINEAU e esteia-se em questões de anatomia e physiologia. Louva as civilisações das raças que elle chama puras, entre ellas, a dos arabes, esquecendo-se não só que, como já notara TOPINARD (138) raças puras na nitidez anthropologica da palavra não existem mais de ha muito, como tambem que estes só nasceram após a mistura perfeita (QUATREFAGES) e

expande-se em insistencias a respeito do typo physico criterio falho e provado de nenhum valor.

Tacs são em suas matrises os principaes batalhadores contra a influencia benefica da mestiçagem no processo lento da integralisação e condensação do protoplasma ethnico. O mais são theorias mais ou menos do jaez destas, que repetem os mesmos argumentos já cançados e gastos.

Particularisando ao ponto de vista que me preoccupa e com o methodo da maioria dos anthropologos, adoptando uma classificação em que se marquem os diversos grãos da affinidade sexual, v. g. a de Broca (139), temos que do ponto de vista da resultante ethnica, negadas por todos os auctores a *heterogenesia*, a *agenesia* e a *dysgenesia*, como a *homogenesia abortiva* entre as diversas raças, humanas, ha a pesquisar tão somente as condições em que se realisam a *paragenesia*, em que o producto se forma pelas collateraes, revoltando por vezes as raças primitivas e a *eugenesia* plena. Esta é admittida para a maioría dos crusamentos humanos; desde os bretões até os africanos tudo são exemplos de perfeita *engenesia*.

Os bretões ($\frac{1}{4}$ de sangue Kimrys e $\frac{3}{4}$ Celta) como os demais povos da Europa vindos de um crusamento complexo fallam em favor da eugenesia do producto (TOPINARD). (140)

Nos Estados-Unidos da America do Norte a mestiçagem de elementos brancos os mais heterogeneos deo este esplendido exemplo de robustez, physica e psychica -- o *yankée*. BOWLING (141) descreveo um typo superior e crusado de Chinez com o Malayo. A Africa, como mostrei (ps. 45 e 46), é séde de um vasto crusamento que melhora sempre o intellecto e o physico.

A questão vac, porém, tomando aspecto nebuloso á medida que o crusamento se effeitúa entre raças fundamente

differentes. Se no Mexico dous terços da população são mestiços apresentando a robustez das raças matrizes melhoradas pela adaptação, se os estudos e observações de MORICE sobre europeos e anamitas, de WARTZ sobre inglezes e neozelandezes, e de PRICHARD sobre mestiços de europeos e samons, entre outros; (142) porfiam-se em demonstrar a fecundidade e a superioridade local do mestiço do europeu com o indio, não é menos verdadeiro que se o tem incriminado largamente.

Entretanto factos tidos por provantes da inferioridade dos mestiços e que se referem aos portuguezes e chinezes em Macau, malaios e hollandeses, têm como causa condições desfavoraveis do meio physico. NOTT estudando comparativamente os mestiços da Carolina, Florida e Luisiania reconheceo differenças capitaes e concluiu estabelecendo que se os anglo-saxões crusando-se com os negros são estereis, as raças sul-europeas, entre as quaes o portuguez e o hespanhol, engendram mulatos cuja melhor constituição physica e fecundidade nem merecem comparo. As observações de LONG (143) para a Jamaica, as estatisticas de Cuba, Haiti e Porto Rico vieram corroborar taes affirmações. De outra banda, se levantam WAITZ, HAMILTON, SMITH e SEMAU entre outros, que são contra a eugenesia destes crusamentos. Parece-me que nem todos os autores viram a questão na complexidade em que se apresenta, pois ao lado de considerações puramente biologicas, em que o sangue mais cruzado das populações sul-europeas, mais modificadas que as do norte deve ser tido em linha de conta, ha considerações de ordem puramente social a que se deve o individuo a ter. A educação exclusivista de certos povos como o inglez e o allemão, essa inibição egoistica evidente não preside as manifestações da latinidade e seus neogenitos, a maleabilidade de

O. C.

certos principios moraes, dependente do estado social do povo, excitado e alimentada por uma sexualidade explosiva e athletica, tanto mais forte quanto mais vivas são as impressões do meio, tem tamanha influencia que inutilizam todos os dados estatisticos contrarios por diversas raças fornecidos, fazendo com que verdadeiros e provados para uns, sejam inapplicaveis a outros. Julgo, pois, que o motivo desta divergencia não está nas condições intrinsecas ás raças mas em condições mesologicas physicas ou sociaes. O que está provado e para mim não padece duvida é que «directamente ou indirectamente como assevera TOFINARD pode sempre entre duas raças, tão distinctas, quanto o são as que existem actualmente no globo, producir-se uma raça rigorosamente intermediaria » (144).

O Brasil não foi esquecido pelos anthropologistas. Desde de GABINEAU que os resultados de seus crusamentos são invocados pro e contra seu valor, devendo ser levado a linha de conta o facto da incompleta informação que em sua maioria tem delle os auctores. O elemento portuguez não podia permanecer senão por transformação lenta que equilibrasse immigração enorme, no Norte, pela sua má adaptação, que traz a degeneração de seus productos, enquanto que o crusamento sempre se manifestou eugenesico e notavel pela extranha fecundidade. Conheço innumerous casos de individuos brancos, sadios e robustos que casados com mulheres brancas tem muito poucos filhos, mas que cultivam uma enorme caterva de filhos mestiços extraconjugaes havidos com concubinas pretas. Uma observação tenho em que esse numero attingio a 16 para os illegitimos e 1 para os legitimos. A fecundidade dos mulatos de 1.º sangue entre si não está para prover-se. NINA RODRIGUES em um trabalho notavel, fallando da opinião de DIXON sobre a

infecundidade dos mestiços dos anglo-saxões com os negros, taxa-a de erronea para nosso meio e accrescenta:

«Os quadros genealogicos que acompanham este trabalho demonstram a exuberancia inextinguivel do mestiço brasileiro... «Está ahi um facto constante e geral nas populações centraes do Brazil: ahi a fecundidade é mesmo excessiva. «Tenho visto casaes contando 10 filhos, muitos tem 11 e alguns 21.» (145)

Essa eugenesia é verificada em todos os productos do 1.º sangue. Por outro lado ha um facto que não é para desprezar, o cruzamento do mestiço do 1.º gráo com o branco é muito menos fecundo que as uniões delles entre si, seja o facto devido a uma paragenesia ou a praticas illicitas que falseem os resultados da fecundidade dos mestiços. (146)

Tenho disto observações numerosas aqui na Bahia, facto que viria difficultar extraordinariamenté o retorno ao elemento branco. Parece-me, pois, que o crusamento dos heterogeneos elementos ethnicos do Brazil não se pode infirmar de infecundo.

Por interesse logico abro aqui um parenthesis e para melhor precisar as condições do estudo incluo uma classificação que vulgarmente se usa para differenciar a differente dosagem de sangue dos mestiços, e que, apesar de seus evidentes defeitos, servindo as exigencias do methodo, já foi semelhantemente adoptada pelo professor NINA RODRIGUES. (147)

Dou-a em quadro para evitar delongas:

Elementos puros (?) .

{	branco
	negro
	bronzado

Mestiços do 1.º sangue .

{	branco com o negro—mulato	{	claro (2.º sangue)
			escuro (cabra) (2.º sangue)
{	branco com bronzado — mameluços ou caboclos	{	claro
			escuro
{	negro com o incola—confuso ou curiboca .	{	claro
			escuro

Mestiços 2.º sangue, pardos

{	mulato com curiboca
	branco com curiboca
	mulato com indígenas
{	mamelucos com negros

A distribuição dos elementos ethnogenicos não foi igual para todos os pontos do paiz (como já fiz ver paginas antes.) Como NINA RODRIGUES notou e descreveu, enquanto que no littoral do Norte, até o sul da Bahia, os tres elementos se crusavam com predominancia do branco e do africano, mais para o centro o crusamento deu-se com predominio do indigena. Para o sul, do Rio de Janeiro em diante, a immigração de brancos europeus, italianos, allemães, portuguezes etc. opprime o elemento negro, cujo crusamento se irá quando muito diluir em sangue italiano e portuguez. Em Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul por exemplo, onde a corrente immigratoria é especialmente allemã, que não desce a misturar-se com as raças coradas, a raça branca tenderá a fixar-se até pelas condições favoraveis do clima, como já o affirmou SYLVIO ROMERO para o Rio Grandê do Sul. (148)

Para o centro do Brasil, em os estados ainda pela mór parte inexploradas de Matto Grosso e Goyaz a dar-se credito nas noticias que nos dão FONSECA e ALMEIDA (149), predomina o sangue aborigene, parcamente crusado com os brancos e ainda mais com os negros, nas proximidades das fronteiras. Ponho de parte o Sul, da Bahia em diante, que não estudo, porque sua feição social e ethnica ha de se ir tornando mais e mais differente, até por suas condições climatericas e não guarda a homogeneidade relativa em suas crenças e tradições passo considerar o Norte.

Nos estados do Norte e para o centro, pelo littoral da Bahia ao Maranhão «predomina a mestiçagem luso-africana ligeiramente indigena: mais africana no Sul, mais indigena no Norte», (NINA) convindo notar entretanto que mesmo na Bahia não é tão ligeira, quanto se pensa a influencia do elemento indigena. Mesmo nas cidades e villas do littoral, o nosso sertanejo é um typo perfeito de caboclo. Para os

centros, entre duas linhas de mestiçagem, uma para oeste de brancos e negros e outra para leste de brancos, ha o elemento indigena que vae pouco se transfundindo na mestiçagem; para esses pontos o predominio deste existe em detrimento dos outros dois.

Sylvio Romero, que, sobre ser um erudito e fino observador, é um talentoso semeiador de ideias, tendendo a crer no desaparecimento do indio e do negro, chegou a conclusão que o indio como o negro, pelo contacto de seus mestiços com o branco, se transfundirão neste e que «dentro de tres ou quatro seculos a fusão ethnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem caracterizado» (150).

O mestiço, para elle, é a condição de victoria do branco fortificando-lhe o sangue para habitual-o aos rigores de nosso clima.

Inclina-se este eminente mestre, firmado em competencias reveladas no assumpto, a suppôr que o branco, o aryano, como raça superior, deverá persistir, indo buscar tão somente nos outros elementos condições de adaptação mais perfeita ao solo.

De outro lado o não menos eminente Nina Rodrigues, que se tem porfiado em sabiamente estudar o Brasil, batendo-se pela persistencia do negro (151), julga inaccreditavel a unidade ethnica brasileira presente ou futura, bem como a extensão do mestiço luso-africano a todo o territorio do paiz.

In medio stat virtus. Parece-me que não tem razão Sylvio Romero quando suppõe a persistencia do branco no Norte. Inadaptado ou mal adaptado ao clima, mesmo que não existisse á invasão avassaladora da mestiçagem, o branco não persistiria, pois as influencias da má adaptação, dizem Quatrefages (152) e Topinard (153) se reflectem logo sobre a infecundidade da raça.

E' facto vulgar entre nós, que em quanto em suas primeiras gerações as familias brancas tinham uma serie (raramente inferior á 15 ou 20) de filhos, hoje ás familias mais fecundas têm 10. As correntes immigratorias não veem de modo nenhum substituir esta diminuição, (como provam as colonias do Norte, cujos resultados foram nullos e a colheita da borracha no Pará e Amazonas dá-nos disto o mais bello ensinamento) pois já se extinguiram para o Norte e parece não terem probabilidade de restabelecer-se.

Portanto o mestiço, mesmo revoltando, será um typo ethnico muito differente do branco europeu.

Tambem julgo que é necessario ter muitas reservas a respeito do negro e que o admittir-se sua persistencia, como fez NINA RODRIGUES (154), pode trazer por exaggero o estabelecimento de uma nova Africa americana, se assim posso dizer, sem ter em conta a sua mestiçagem cada vez mais larga.

Creio na unidade ou quasi unidade ethnica brasileira futura, mas não constituida por um branco-mestiço, nem por um negro superior e sim por um typo que represente mais ou menos a média dos elementos crusados.

Condições de ordem puramente sociaes collocam o mestiço do indio, pelo preconceito pueril da pigmentação no mesmo pé de egualdade do mestiço do negro com o branco. O branco descera a unir-se com o mestiço, mas a mestiça não se ligará ao negro ou seus inferiores em colorido da tez.

Por outra, se o crioulo odeia o negro e nega-se esta origem (155), o mulato procurará unir-se com os outros mestiços inferiores.

Augmentadas as relações commerciaes, sulcado o Norte de abundantes linhas ferreas, crescido, emfim, o meio de comunicação entre as varias localidades desta região, as trocas de um para outro Estado e dentro destes serão accrescidas e a fusão ethnica se dará mais facilmente como já o mostrou o exodo cearense para o Amazonas e Pará. (156)

Os cruzamentos, então podendo-se dar na mais vasta escala, tornarão uno o typo ethnico brasileiro.

Não se me pode acoimar de utopista, as diversificações ethnicas, que se constituem hoje em cada localidade, são os elementos basicos de unidade futura, porque é isto uma lei natural da evolução ethnica: formado em cada localidade um typo mestiço seu, elle variava de uma para outra em pequena differenças, que nem de longe poderão egualar as que existêm entre os tres elementos primitivos. A facilidade de communições que, dia a dia se vae tornando maior, é fatal no limite maximo de dois ou tres seculos, dentro das quaes já haverá uma quasi unidade ethnica quauda nada.

E então mesmo que reversões se deem aos typos primitivos por seo cruzamento com os mestiços, tendo em mira a relativa egualdade do numero que delles houve no Norte as uniões que se podem dar em vista dos preconceitos e outras condições locaes (os cruzamentos dando, do *branco* com o *pardo*, do *mulato* com o *pardo*, do *cabra* com o *branco*, do *indigena* com o *mulato*, do *branco* com o *cabocto* (dado o possível retorno), a formação de productos mais ou menos eguaes em que predomina o sangue branco e d'outro lado, do *mulato* com o *cabra*, do *pardo* com o *negro*, do curiboca com o *indio*, do *mulato* com o *negro* e do *cabra* com o *negro*, tendo-se em consideração ao mesmo tempo os cruzamentos com o aborigene provocando a apparição de productos em predomine o sangue negro

e indigena, em cada uma das localidades, conforme os elementos puros (?) com que se conta. Do cruzamento destes productos entre si e com os de 2.º sangue, virá um typo mestiço, — provavelmente mais dosado de elemento branco e negro que indigena, mas delle tendo, provavelmente semelhante ao pardo e que será o futuro habitante das regiões do Norte, que herdando a maior adaptação européa á civilização, herdará as faculdades de adaptação ao meio das outras duas raças.

Finalmente o que concludo é que no Norte do Brasil a formação de um typo ethnico é inevitavel. Estudar portanto a raça no Norte do Brasil é estudar o mestiço. E' o caso ainda porem, de um *distingo* da velha escolástica. NINA tem razão quando affirma a inexistencia de unidade ethnica actual do ponto de vista anthropologico e esta differenciação traria como consequencia que de uma feição psychologica tornar-se-hia impossivel determinar as pequenas variantes de um para outro dos typos mestiços. Mas a questão simplifica-se.

O meio hereditario, as tendencias dos mestiços em geral pouco differentes e a semelhança dos caracteres psychologicos das duas raças inferiores fazem que pequenas sejam estas differenciações de seos typos mentaes, por sorte que psychologicamente se pode de um modo geral estudar o mestiço.

Antes, porém, de tentar dar uma ligeira demão a sua psychologia, mostrar-lhe as falhas e inferioridades, surge uma alevantada questão de interesse vital para a especie humana. Por estas é responsavel verdadeiro desvio normal, plena anormalidade psychica, defeito de conformação de seo cerebro, ou ha outros factores capazes de explical-as? Deve-se, pois, procurar saber, se de facto como suppõe a escola lombrosiana é a mestiçagem causa de degeneração.

O. C.

Não o nego em absoluto, mas até agora não me parece provado.

Indiciada por CLEMENCE ROYER em o *Congresso de Anthropologia Criminal de Paris* (12 de Agosto de 1889), a idéa de que a mestiçagem, em globo, fosse elemento etiologico da degeneração, firmando-a uma das « causas hereditarias da criminalidade », pois « a historia mostra-nos que os actos mais immoraes, os mais contrarios, não á natureza humana somente, mas á natureza de todos os seres organizados se multiplicam sobretudo nas epochas de grandes civilisações, que são as de grande mistura de raça », veio até proximos annos sem um demonstrado nitido e concretado em observações valiosas, quando NINA RODRIGUES, tentou tal empreza em um artigo publicado nos *Archivos de Anthropologia Criminal de 1899* (157).

De facto a não serem referencias vagas de LE BON, de GABINEAU e de alguns outros, cabe a meu sabio mestre Prof. NINA a primasia da tal demonstração.

Não concordo, com grande pesar, com meu eminente mestre quando procura deixar demonstrado com as observações que apresenta que a mestiçagem é uma causa, quando se dá nas condições em que se deo entre nós, de degeneração das raças, signalando-lhes na prole esta enorme serie de estygmas que caracterisam a grande classe dos degenerados.

Concordando que « é quasi impossivel distinguir a influencia da mestiçagem entre as mil causas complexas susceptiveis de produzir sua decadencia » (158), affirmando que se encontram na privilegiada localidade que escolheu para estudo (Serrinha) « casos frequentes de syphilis » (159), e que « o consumo da aguardente ahi é grande, certamente », ainda que relativamente fraco « se se compara ao do Brasil em

geral e sem contradicção muito inferior ao das capitães» (160) fazendo notar que no Estado da Bahia é commum a localisação da syphilis sobre o systema nervoso, conclue, com o valioso escote de 26 observações, cuidadosa e magistralmente colhidas, que a mestiçagem produz ou quando nada favorece a degeneração.

Não posso comprehender porque de tão vasta messe de causas só por si capazes de explicar o estadio degenerativo que estudou, foi o distincto Professor buscal-a unicamente na mestiçagem, a não ser por um excesso de generalisação.

O que ficou provado pelo seu estudo é que o mestiço degenera e pode degenerar sujeito á condições desfavoráveis, soffrendo mal estas condições. Esperar o contrario seria pretender que surgisse do crusamento de duas raças uma terceira, perfeita, armada contra todos os ataques do meio, invencivel, como Minerva da cabeça jupiterina.

E' um engano suppor que o mestiço não tem uma grande força de resistencia para supportar os climas inhospitaveis dos tropicos.

O mestiço é de facto muito mais adaptado ao clima que o europeu: basta um simples relance d'olhos sobre os factos que estam a se nos deparar amiude provando a melhor adaptação dos mestiços, evidenciando quanto melhor supportam elles as inclemencias de nosso climas, jungido^s a trabalhos da lavoura a que nenhum branco se dedica com felicidade.

Esperar-se porem, que o mestiço sahisse um typo perfeito e acabado e que até sua propria adaptação ao clima não custe series de gerações, é querer-se um salto do desenvolvimento, que a propria escolastica condemnava (*natura não facit saltum*), é resurgir a esconsa hypothese de DU MAILLET (161), cujo curso na sciencia parou-se, já lá se vão uuitos annos.

D'outro lado para que se suppusesse esta degeneração insanavel do mestiço como dando fim a elles, era preciso que fosse esquecido o poder de regeneração, que MOREL suppuzera em seus magistraes assertos, arrimando-se a observação intima dos factos que lhe affirmava que «ha a progressão para o bem, como para o mal» (162). MAGNAN e PARCEMAN crêem que «se pode obter a regeneração do typo degenerado» (163) e MAUDSLEY dizendo que «ninguem pode modificar as tendencias fundamentaes de sua propria natureza» avança, «que se pode modificar por grãos e em parte seo caracter e em certa medida dar a seus descendentes, uma aptidão que lhes pode ajudar no momento de tentação» (164). Demais hoje falla-se da therapeutica da degeneração como se falla da educação do idiota e destes outros muitos estados feridos pelos baixos grãos da regressão involutiva humana. Donde se vê que em muitos casos poderia entrar a educação a progressão degenerativa.

Não ha provas para negar o evoluer do mestiço, sua progressão ascendente, sua progressiva adaptação e melhora. O maior numero de degenerados deve ser fatalmente mestiço num paiz em que os mestiços constituem a maior cifra da população.

A questão da inferioridade psychica do mestiço vae soffrendo cada vez attenções mais evidentes. Todo mundo hoje vae reconhecendo sua melhora; d'antes escondidos na obscuridade de sua côr, vão hoje aflorando notaveis por sua intelligencia e vontade.

O meu illustre Mestre, que reconhece a frequencia do alcoolismo, causa bastante para á sociedade explicar o facto que o preoccupa, foge com o sophisma de affirmar que as mais das vezes não se tratam de casos de alcoolismo mas de dipsomania, o que traria o alcool sempre ligado a degenerescencia por effeito symptomatico.

E entretanto se a nota de FERÉ evita alguns enganos, o consenso de todos os especialistas de longa data incrimina-o como factor mais commum, mais evidente das degenerescências, desde MOREL que se dera a classificar o enfraquecimento de sua desastrada prole.

Melhor seria procurar a causa na syphilis, na alimentação, nas fadigas, nas mil necessidades e movimentos da lucta pela vida e finalmente na sobrecarga intellectiva, na má educação moral, intellectual e physica de que gosamos em nosso paiz.

Em fim procure-se-a, seguindo a divisão de DALLEMAGNE, (165) nas causas individuaes, na influencia da herança infeliz de um portuguez degenerado, nos habitos da detestavel educação que nos legou, neste espirito miscneista de nossa sociedade verdadeiramente phobica a toda innovação util.

Em um ponto filio-me, com immenso gaudío, a doutrina de meu sabio amigo Prof. NINA, na parte em que se affirma a extensão enorme da degeneração em nosso meio e nos mestiços, especialmente, que constituem a maior parte de nossas populações. O que não esta provado, porem, com as provas até hoje addusidas, é que a mestiçagem degenere o producto.

Ao argumento theorico da desigualdade psychica das raças crusadas, trasendo o desequilibrio mental do producto, responde a melhora de um individuo em um bom meio educativo. Finalmente aqui findando creio poder diser que a mestiçagem melhorou e adaptou a raça ao meio e que o mestiço, typo medio das tres raças ethnogenicas será o habitante futuro do Norte do Brasil.

Andou bem informado E. RECLUS quando disse que «a nação brasileira tomada em seu conjucto é mestiça, ainda a maioria se diga branca de origem» (166). E com effeito,

como enunciou o muito competente SYLVIO ROMERO «todo brasileiro é mestiço senão no sangue pelo menos nas ideas». (167) Assim simplifica-se extraordinariamente o problema da psychologia do mestiço. O mestiço é em geral de uma imaginação vibratil, de um polychromismo extraordinario, mas puramente concreta. Mais inclinado a imaginar que a reflectir, em sua intelligencia malleavel e brilhante é a nota característica esta tendencia ao concretismo, que o meio auxilia. O Brasil especialmente o Norte é paiz dos poetas; seus mais bellos talentos são poetas e nelles com raras e honrosas excepções a tendencia animica não se faz despercebida. Mesmo para mim, a poesia caracteriza esta phase da evolução mental que LETORNEAU chamou de «forma mythica ou primitiva da intelligencia» (168), a poesia é um modo de actividade psychica em que o concretismo symbolico representa seos melhores passos, ao menos entre nós.

Imprevidentes (o que se tem probabilidades de ser provindo de influencias ethnicas não tem menos de vir da facilidade da vida em nossos meios), indolente (facto que todos assignalam, entre os quaes CLOVIS e VERISSIMO) são aliás de uma vaidade enorme. Em geral despresam as raças inferiores donde provieram, declaram-se puros aryanos e recusam a aquelles todo e qualquer meio de aperfeiçoamento.

Corajosos valentes, impetuosos, são em geral um tanto impulsivos. Na esphera da affectividade é notavel sua meiguice, a doçura e vehemencia de seus affectos, a grandeza de seu amor, o que lhe provem da matriz negra. Em todo seu ser psychico a dominante principal é a versatilidade, a fraquesa da attenção, de que tambem se deve inculpar o clima e que se traduz por esta superficialidade, essa tendencia á sobrenaturalidade que tanto evidencia toma em sua exaggerada superstição. Do ponto de vista moral o

que o caracteriza é um certo desequilíbrio, uma instabilidade manifesta que, mais do que esses outros caracteres, é produzida pela educação. Passo a mostrar porque.

A organização de um ser psychico dizem respeito dous factores complexos: a herança e a educação. Demorando-me a beira desta afirmação, vou precisal-a. « A herança é, servindo-me das phrases de RIBOT, » a lei biologica em virtude da qual todos os seres dotados de vida tendem a se repetir em seus descendentes » (169) transmittindo-lhes caracteres, attributos e propriedades que lhe são natos ou adquiridos durante a vida, pois não é mais assumpto de pendencia scientifica a ideia de WEISSMANN sobre a transmissão dos caracteres adquiridos. E' a herança que assegura a perpetuação dos caracteres especificos, transmittindo a forma, a estructura, a composição chimica e as propriedades vitaes que lhe estão indissolúvelmente ligadas, os órgãos e suas modalidades funcionaes.

A herança psychologica é um facto incontestado, ainda que sua delimitação em normal e morbida seja quasi impossivel. E' este *stratum* hereditario que ha em todo individuo, é esta a reunião de qualidades congenitas que vulgarmente se denomina em *psychologia indole* ou *natureza* do individuo. Mas seja-me licito lembrar que o animal não é provido de todos os caracteres de sua especie se não *aprende* no meio certas cousas, que ignoraria de certo votado ao absoluto isolamento (170). De facto os caracteres psychologicos individuaes evoluem, polidos pelo contacto das contingencias do meio e da fatalidade imitativa, que actuam desenvolvendo certas qualidades natas, attenuando ou supprimindo outras, produzindo por contra balanço de elementos varios, um equilibrio mais ou menos instavel. Na vida de um ser não ha momento de estabilidade organica propriamente dita: os

orgãos se modificam em sua estrutura elementar de momento a momento e desde que o individuo é gerado até que morre não ha acto, não ha influencia exterior por menor que seja, que não deixe vestigio no organismo que não tenha ingerencia, minima embora, nos actos ulteriores. E é a totalidade de condições que o individuo atravessou, e nas quaes reagio, desde o ovo até o momento em que é considerado que chamo *educação*.

O individuo é tudo o que era quando *ovo*, o que lhe assegurava a herança e tudo que elle fez e aprendeu depois pela educação. E' assim que se vão impregnando, infiltrando camada por camada na esphera psychica (171) as ideias e os sentimentos religiosos e nacionaes, as ideias e os sentimentos da epocha, e da classe que dão nova direcção a estas individuos psychicas. Chega, pois, o momento em que a *educação* forma no individuo uma segunda natureza. Já a sabedoria, do povo o affirma no seguinte proloquio, vasado na mais profunda observação: *o habito é uma segunda natureza.* - Os elementos hereditarios e os elementos trazidos pela educação por tal forma se confundem que diz LE DANTEC: (172) «c'est la question plus delicate et plus controversée celle de savoir déterminer dans un acte donné d'un indivu donné, l'apport de l'heredité et celle de l'éducation.» E de facto não se sabe o que attribuir a herança e á educação separadamente, mas se evidenciará que tudo é consequencia de fusão destes dous factores.

E o individuo intellectual como o individuo moral só se formam por uma integração progressiva de suas personalidades.

Estas considerações referem-se tanto ao individuo, como aos povos, como as raças. Comprehende-se que a maior

civilização de um povo, a estratificação mais demorada de suas qualidades sociais terá como consequência uma integração psíquica mais perfeita, como concorda o próprio LE BON (173). No homem, diz LETOURNEAU, a moral não pode ser natural. É uma resultante do meio, delindo ou aproveitando tendências e instintos; é no *clan* primitivo que o homem começou a aprender a ser um «ser moral» (174).

Todo o mundo sabe quanto as perfeições moraes variam com o evoluer dos povos, ninguém desconhece que o bom de hoje é o mal de hontem, o crime é a virtude em breve e reciprocamente. E toda esta evolução concorre para constituição desta unidade que constitue no particular, o caracter.

De facto pode um individuo ter qualidades intellectivas relativamente superiores e vivendo completamente em um meio selvagem, não adquirirá esta formação posterior que quando muito possuirá em estado de latencia, de verdadeiras tendencias e que é producto da civilização adiantada. É esta entidade moral mal definida, vaga ainda, consagrada por uso secular, o caracter cuja delimitação não chegou a ninguém e cujo estudo é um vertiginoso succeder de theorias quer no sentido mais especialmente psychologico, quer no meio geral e philosophico. Desde a theoria *aprioristica* de KANT sobre o caracter intelligivel cujas consequencias logicas desfibrou a analyse de SCHOPENHAUER até a theoria spenceriana esta difficuldade se manifesta. Mas seja como fôr o que é evidente é que o caracter, verdadeira individualisação do ser psycho-moral, tem como caracteristica de sua constituição a unidade e a estabilidade (RIBOT).

A unidade consiste em uma maneira de agir e de reagir consoante consigo mesmo. Na individualidade verdadeira, as

tendencias são convergentes ou ao menos umas sujeitam-se a outras. Si se considera o homem como uma reunião de instinctos, necessidades e desejos, elles formam aqui um feixe bem ligado, que age em uma direcção unica. A estabilidade é a unidade no tempo. São palavras de RIBOT (175).

Não me parece util o dizer que esta unidade absoluta mais corresponde a uma necessidade do methodo, do que a uma realidade objectiva, e ninguem ha que ignore que a intermittencia é sempre a predominante de natureza humana, pois até a attenção, a qualidade mestra da intelligencia, no dizer de RIBOT, aquillo que mais duravel e contínuo nos parece, tem oscillações, em summa a durabilidade na unidade é um euphimismo insustentavel.

Esta unificação psychologica estavel, que dirige e guia o homem na lucta, é principal producto do elemento educativo, toda consequencia da influencia pèdagogica e se raças ha em que estão mais constituidas que em outras, se ha raças que herdaram taes caracteres (é que a herança torna aqui a fórma puramente sociologica) é a herança *in latus sensu*, a herança de meio que disto se encarrega. E' portanto notavel que as raças inferiores por menos complexidade do meio em que vivem, não tenham esta individualisação moral que é característica de civilisações mais superiores, até porque em virtude, da propria lei biogenetica que HÖCKEL desenvolveu, o desenvolver ontogenetico repete e abrevia as detidas phases do desenvolver phylogenetico, disto nos dá prova em desenvolvimento do individuo.

Semelhantemente pensa PAYOT quando affirma que o character não existe em estado primitivo na natureza: é um producto secundario, vindo tardio, não é absolutamente innato, mais adquirido e de lenta formação (176). De facto na vida moralse a educação *latu sensu* não actuar a consequencia

inevitavel será a anarchia pois a predominancia de tendencia é muito passageira. (177) Em summa as formações superiores do moral são productos da acção civilisadora. E' cultura que armasenada pelos povos vae mais e mais os aperfeiçoando.

Nas formações sociaes inferiores comprehende-se, até pelo regimen eminentemente militar que reina, a personalidade moral é mal formada ainda, apenas esboçada, e só o desenvolvimento posterior a vae fazendo.

Finalmente é pensar accôrde entre os sabios que do moral é mais responsavel a educação que a natureza e aqui neste estudo se devem procurar as origens do facto primitivamente assignalado nas correntes pedagogicas que lhe deram causa.

No Brásil semelhantemente ao que FOUILLEÉ (178) mostrou para França e em maior gráo ainda, a educação moral está abandonada. Sendo aliás a ideia firmada no mundo dos pedagogos sua necessidade.

Demais a prova é que a parte relativamente reduzida minoria, esta desigualdade, este desequilibrio moral falta de caracter caracteriza a massa das populações brancas, pretas ou mestiçadas. Por consequencia se o facto de degeneração entra, como eu o accredito em grande numero de casos não é entretanto a causa de facto assignalado; a causa é a má educação.



«O solo é todo povo» dizia VON IHERING. (179)

A influencia do *habitat* sobre a raça, indicada e demonstrada pela primeira vez por MONTE-SQUIEU, é hoje uma verdade incontestada. O solo em sua accidentação é que morphisa as relações sociaes, os estadios de desenvolvimento do povo, é que transforma os caracteres physicos e psychicos dos povos completamente. Os romanos, celtas, slavos, gregos e eranianos não seriam tão differentes quanto o são, se vindos da mesma raça não tivessem por partilha uma diversidade, de todos os pontos de vista, dos solos que habitaram, se jamais tivessem emigrado, se jamais tivessem deixado o solo natal. A individualidade de um povo é a expressão de todo processo anterior a que se sujeitam, a familia, a tribu e o proprio povo. São estas influencias que se estractificando lhe caracterizam a individualisação psycho physico-social. (vid. pags. adiante) A existencia dos povos é a reacção destes contra a acção do meio, sedimentada pela herança. A raça, resume IHERING, é producto sedimentar de toda a acção historica da nação. (180) E se as influencias externas devem ter este valor na ethnogenese entre todas as que regulam a acção historica, nenhuma se avanta ao meio physico pela constancia de sua acção.

E no meio physico o principal elemento a estudar é o clima.

O conceito do clima, variante com ponto de vista do observador, no proprio dominio de uma mesma sciencia tem variado com a maior ou menor extensão que se lhe adrega de dar, desde a redução a uma fórmula puramente meteorologica como o fizeram FOSSANGRIVES e LOMBARD (181) ou a comprehensão mais vasta de HUMBOLDT vendo-o nas variações

atmosphéricas que affectam os orgãos de uma maneira sensível, até a concepção mais geral, dando-lhe mais extenso dominio, de HYPOCRATES, VIREY e FOISSAC, a qual bem resume a definição de ROCHARD : «differentes partes da superficie do globo que apresentam as mesmas condições physicas e agem da mesma maneira sobre a saude de seus habitantes» (182). ARNOULD capitula de clima o caracter meteorologico dominante de uma localidade que a distingue de todas as outras, cujas manifestações estam na physionomia botanica e zoologica do logar, expressa na physiologia e pathologia (183). Seja como for, o facto é que estudar um clima é vel-o em sua temperatura, nos ventos reinantes, nas variações de pressão, no estado electrico atmosferico, na quantidade de luz, na humidade do ar em que, tudo, se inclue a constituição medica da localidade.

Seria evidente vesania o pretender nos tramites de algumas passagens fazel-o detido, encarando-o em suas particularidades, nas miudezas typicas de cada um dos factores climaticos.

Ainda que se deem aos climas as mais vastas comprehensões, as classificações climatologicas em sua maioria se baseiam sobre um único factor a *temperatura* e se elle não basta para exprimir a physionomia especial dos climas «é seguramente de uma grande importancia e pesa sobre a modalidade das outras». (184)

Apesar dos multiplos defeitos de taes classificações, pois a noção da media thermica é muito insufficiente, é a de JULES ROCHARD ainda a mais adoptada e sel-o-á até que minuciosos estudos dos climas nas altitudes e longitudes varias de um mesmo paiz, condensados, se possam prestar de base, o que aliás traria o mal de levar a uma divisão illimitada as parcialidades climaticas.

Não me atendo ao estudo do estabelecimento das linhas isothermicas, descobertas por HUMBOLDT, á consideração de latitudes e aos demais fundamentos em que ROCHARD se baseiou para o fim de sua classificação, lembro apenas que dividio o globo em cinco zonas a partir do equador, limitadas na differença thermal de 10° : I *climas torridos* (uma só zona que medeia entre o equador thermal e a isothermica $+25^\circ$; II *climas quentes* (norte e sul), comprehendidos entre as linhas isothermicas $+25^\circ$ e $+15^\circ$; III *climas temperados* que se acham collocados entre $+15^\circ$ e $+5^\circ$; IV *climas frios*, entre $+5^\circ$ e -5° ; V *climas polares* de -5° a -15° (185).

ARNOLD aconselha se associem a estas divisões as indicações de *climas continentaes*, que exprime o clima excessivo, soffrendo as extremas temperaturas que comporta a zona, a pressão visinha da normal, recebendo uma abundancia moderada de chuvas, secco, com ventos variaveis,—de *climas maritimos* que implicam a constancia, a attenuação das extremas temperaturas e humidade, dos ventos regulares e de *climas das montanhas* que se ligam a temperatura e a pressão decrescente.

O Brasil está situado entre $5^\circ, 9', 50''$ de lat. septentrional e $33^\circ 46'$ de lat. meridional e entre $8^\circ 21'$ de long. 4° e 32° de long. O do Rio de Janeiro e é comprehendido, portanto, do ponto de vista hygienico nos climas torridos e quentes estando em pequena parte de sua extremidade sul, incluída nos climas temperados.

Do ponto de vista climatico nenhuma divisão tão racional se me deparou quanto a de MORISE que o dividio em tres zonas. Assim considera elle I uma *tropical* cuja temperatura média é de 25° que passa ao sul de Pernambuco e talvez por Alagoas ou Sergipe, corta parte de Goyaz e desce até Matto-

Grosso e comprehende, portanto, os Estados do Pará, Amazonas, Maranhão, Ceará, Piauhy, Rio-Grande do Norte e Pernambuco; II uma zona *sub-tropical* ou *quente*, que passa ao sul de S. Paulo da isoth. $+25^{\circ}$ a $+20^{\circ}$ e finalmente III uma zona temperada do sul em que se incluem Paraná, Santa Catharina e Rio-Grande do Sul.

Tendo em vista o relevo que fundamente modifica a forma climaterica, como fez LAVASSEUR (186) ha considerar em primeiro logar a bacia do Amazonas. A vasta planicie do Amazonas pouco elevada acima do mar e offerecendo livre accesso aos ventos alizeos, apresenta um clima tropical, eminentemente quente.

A média climatica desta região é de 28° (LAVASSEUR), $27^{\circ}5$ (CABANIS) ou 29° (AGASSIS). Em Belem (Pará) como em Manáos (Amazonas) é de 26° a 34° , tendo nesta ultima localidade attingido a 40° .

A estação pluviosa dura de Dezembro a Julho; as chuvas são abundantes. Nas estações seccas, porém, passam-se mezes inteiros sem chuvas, salvo nas proximidades da cordilheira. A humidade do ar é constante; os pantanos abundam.

A parte central do Brasil está quasi em egualdade de condições da bacia amasonica. A humidade atmospherica não é constante. Durante as estações seccas os rios não têm agua e até a gramma é queimada por um sol inclemente.

Muito differente porém, é o meio, nos *plateaux* do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, onde reina um clima evidentemente europeu. Em Uberaba (Minas) a temp. med. é de $20^{\circ},1$ (med. annual). Em Nova Friburgo é de $17^{\circ},41$ (Rio). Facto este que inclue estas regiões, em vista de serem pela mor montanhosas, não na segunda divisão de MORISE, mas

quando muito na terceira, ficando de um modo geral na falta de muitas zonas semelhantes, a primeira limitada á Bahia, pela costa, e a maior parte de Goyaz e Matto Grosso, pelo centro.

A costa do Brazil, especialmente até o sul da Bahia tem um clima torrido, minorado pela estação das chuvas, que aliás falta algumas no Ceará (187). As zonas temperadas do sul onde a media da temp. annual chega a 17,°2 (Pelotas) não me preocupam neste estudo.

Em bloco o Brazil apresenta duas regiões differentes, uma norte que vae até o sul da Bahia, em que o clima mantem-se quente, desde ás regiões torradas da planicie, amasonica até as attenuações pelas altitudes de nosso centro, outra sul que vae do Espirito Santo em diante em que, ora a altitude, ora a propria longitude morphisam um clima temperado particular. Nesta ultima o europeu mantem-se e fixa-se, o clima nenhuma ou pouca perturbação produz em sua hygidez; já desde os tempos coloniaes as feitorias destas zonas evolviam ao impulso de admiraveis esforços dos colonos «que se sentiam bem de saude».

A distribuição ethnica, em consequencia mesmo desta constituição climatica, vae dest'arte accentuando mais e mais uma profunda differença entre o Norte e o Sul.

Volvendo, porem, a meo assumpto, passo de um modo geral a estudar a acção do clima, aqui visto especialmente em seu elemento *temperatura*, o principal.

A primeira questão que se prende a tal assumpto é a questão da acclimação das raças a esse meio, o que encerra a previsão de seu futuro, de sua durabilidade e evolução.

Vem em primeiro logar a raça branca. No mundo dos anthropologistas não reina ainda uma theoria decisiva que possa de vez responder completamente ao problema, mas onde todos estão accordes é que o europeu não supporta

G. O.

sem perturbações, a transmutação tão radical de climas frios para quentes. O europeu logo que transportado para o clima quente sente uma excitabilidade organica extraordinaria, que se troca para logo por uma depressão physica profunda: as funcções do organismo perturbam-se e retardam-se, modificam-se procurando feitiar-se ao clima (TREILLE).

Mas não é só o factor meteorologico que se dever ter em vista. ROCHARD diz que a difficuldade da acclimação do europeu aos paizes quentes está muitas vezes tambem na insalubridade do solo, (188) o que não deixa de ser verdadeiro para muitos pontos, como para Algeria, em que o saneamento do solo supprio todas as condições favoraveis.

A insalubridade em certas zonas, como entre nós, na bacia Amasonica e nos centros, reforça pois a influencia nociva do meio physico.

RUFZ de LAVISON com mão de mestre descreve as condições psychicas do europeu chegado ao trapico: «O primeiro effeito é uma especie de excitação geral que produz um sentimento de forças desacostumado e de actividade; todas as distancias parecem pequenas, todas as fadigas são facilmente abeiradas. . . Quatro ou cinco dias depois já este ardor diminue, o corpo torna-se pesado, as funcções enlanguecem; um peso na cabeça se oppõe ao livre exercicio da intelligencia ». (189)

Com este todos os auctores, inclusive o classico M. LEVY (190) que fazem descripção da influencia dos climas quentes sobre o europeu, são accordes no que corre a affirmar que á uma excitação ficticia segue-se uma depressão, ao fim de alguns dias.

A respiração, o pulso, o calor animal, as funcções da pelle, dos rins, do figado, do tubo digestivo foram estudados e os resultados, diz TREILLE, têm de commum o demonstrar que estas funcções importantes são geralmente modificadas. (191)

Dos trabalhos de JOUSSET (192), de THEVENOT (193), de MARTIN (194), de FOSSANGRIVES (195), das experiencias de RATTRAY (196) das conclusões de FERIS (197), entre muitos se conclue que augmentada a calorificação organica, perturbadas as funcções dos emunctorios e organs reductores (MANSON), elevada a pressão sanguinea geral, impedida a funcção da hematose normal (198), o organismo soffre um certo gráo de cansaço, revela uma tal ou qual difficuldade de funcionamento, por que tudo são responsaveis a elevação thermica e a humidade, não só ponto de vista da saturação do ar, mas especialmente da tensão. Onde porem, as influencias dysphoricas do clima são mais evidentes, é no dominio da neurilidade, que se traduzem por desordens de tal ordem que não trepido em considerar o clima como factor de alta importancia na etiologia de degeneração. Basta olhar para a maioria das familias brancas, especialmente estrangeiras, que em o início do seu permanencia no Brasil, trabalhadoras, honestas, fecundas e fortes dão esta prole horrorosa de nevropathas, *ticosos*, epilepticos, loucos moras, *et magna comitante caterva*.

O mesmo não se passou com o negro, que encontrando um clima muito mais ameno que o seu, acclimatou-se e melhorou.

O tempo força-me a sem mais delonga estudar a influencia do clima sobre a raça.

Todo mundo conhece e passou em julgado, que entre as qualidades do meio indispensaveis a vitalidade, está o calor cujo excesso, por outro lado, determina a impossibilidade da vida. O calor é de facto um dos excitantes mais vivos da actividade vital. A' acção torpedadora e entravante do frio, que cria os estados hybernantes, substitue o calor uma actividade que se vae exaggerando a proporção de seu crescimento. Não é preciso para assegurar-se desta verdade senão

comparar as manifestações rachíticas das zonas polares com a luxúria das vegetações tropicais.

No aggregado cellular organizado, que constitue o homem, sob os tractos complicados do systema nervoso, exerce o calor como nenhum outro agente, uma excitação vibrante e intensiva. Nas zonas tropicais as funções sensoriaes exaggeradas pelos excitantes do meio, até pela luz a confranger sua potencia irritativa, pela grandeza do abalo, determina, ou quando nada contribue intensamente para a característica psychica da collectividade.

A hyperesthesia que advem pelo maior uso dos órgãos dos sentidos, prepara um erethismo central, um erethismo psychico que se traduz pelas exaltações das produções intellectuaes. Por outro lado ao organ psychico, como todos os os outros, cança este erethismo e a consequencia é que ainda hypertrophiado que seja, seu funcionamento prolongado é impossivel.

Imaginando-se o neuronio como um condensador, amiude solicitado pelas influencias ambientes, comprehende-se que fracas as excitações as descargas sendo menores, o funcionamento pode-se ser mais demorado, sem necessidade de nova influencia excitante e sob a influencia de uma excitação potente vibrante e continuada, se as respostas ganham em intensidade, perdem em duração e por consequencia os trabalhos psychicos demorados não se podem fazer.

Se no clima os factores são mais complexos, em ultima analyse sua acção sobre o psychico é a mesma dos elementos que acabo de enunciar.

Dexter estudando a influencia do ambiente physico sobre os individuos, mostrando que as influencias metereologicas, agindo sobre o *abstractum* physico de nosso ser

psychico, vêem assim attingil-o, mostra as influencias em excesso excitantes e desfavoraveis dos climas de temperatura elevada, fazendo ver que um pouco de frio e um pouco de calor secco são os elementos mais favoraveis para o desdobramento das potencias psychicas do homem (199).

Eu mesmo tenho notado que nos dias de temperatura elevada (+ 29 a + 38°) toda e qualquer fixação prolongada da attenção é impossivel. Como DEXTER, visando as notas das escolas, notei que este facto era evidente, pois em taes dias eram muito maiores os descuidos e as faltas dos alumnos (200).

Dá-se com a humidade o que se dá com o calor em excesso. Viciado, pois o é, o organ renal embora parcamente, impossibilitadas por esta condição ambiente as funcções cutaneas, augmentadas, até. pela má alimentação, as intoxicações organicas, sua diffusão pelo saugue, sua acção sobre os organs, incluido o cerebro, será alguns momentos após uma excitação passageira, uma depressão, uma decadencia um enfraquecimento funcional.

D'outro lado pondo a questão no ponto de vista da acção indirecta sobre a circulação a conclusão será a mesma. ANGELO Mosso mostrou, numa sequencia de admiraveis experimentos, que sob a influencia de emoções ou sensações, da attenção prolongada, emfim nos grandes esforços da actividade cerebral se produz uma dilatação dos vasos cerebraes (201) em detrimento da vascularidade peripherica que se contrahe, favorecida tal dilatação, como bem avisadamente expoz GLEY (102) pelo alto gráo de excitabilidade nervosa celular reagindo contra os excitantes. Se o magno problema da circulação cerebral não está resolute, se como pensam Roy e SHERRINGTON (203) o augmento de calibre dos vasos cerebraes

é feito de simples distensão passiva das paredes devida á elevação geral da pressão, contestando a presença de nervos, vaso-motores cerebraes, se os trabalhos de HILL e BAYLIS tendem a desmonstrar que as variações da circulação cerebral seguem passivamente as da circulação geral, não é menos verdade, como assignalaram os dous primeiros auctores, estudando em casos de asphyxia e de acção de substancias chemicas determinadas, que ás congestões passivas seguem-se congestões activas, que como pensaram CAVAZZANI (204) e FRANCK (205) e modernamente OBSTEINER (206), tudo leva a crer que a excitabilidade central tenha sua influencia sobre sua circulação. Seja como fôr o facto é que ninguem nega que o gráo de extensão e intensidade da cerebral se faz e depende da maior ou menor intensidade da circulação deste organ. O cerebro, como os outros organs vem a ser provido pelas trocas sanguineas e para que seo chimismo intimo e especial se execute, elaborando as funcções psychicas, torna-se imprescindivel o affluxo sanguineo.

Este facto vem confirmar, a darem se por valiosos os experimentos de TANSI que fazendo, em contrario de Mosso e da escola de SCHIFF, os estados psychicos correspondentes a phases de hypothermia como o desejava GAUTIER, (207), mostra as oscillações hypothermicas do metabolismo cerebral a se fazerem pelo augmento da irrigação sanguinea. E se são exactos os trabalhos dos auctores varios (208) que têm demonstrado que nos tropicos a phase inicial de excitação se seguem abaixamentos notaveis da pressão sanguinea, se como assignalou OBSTEINER (209) o cansaço dos vasos motores cerebraes se produz facilmente, tirando de parte a influencia excitante directa sobre a cerebralidade, o clima quente só pode trazer como consequencia, á pequenas e fugidias ainda que vibrantes excitações, a diminuição da

actividade cerebral, pela menor irrigação cerebral feita em favor do vaso dilatação peripherica, convindo tão sómente lembrar que me não refiro a acção directa do calor sobre a cabeça, que é talvez a parte mais protegida.

Em consequencia se o psychico do homem dos tropicos e zonas circumjacentes vive em um estado de notavel erethismo, não pode porem, se dar ás longas e detidas analyses das abstracções superiores.

A rasão é simples de ver-se. A influença da attençaõ no architectar do acto psychico é das mais evidentes.

Para que se formem quaesquer idéas é preciso que o individuo conheça o objecto, cuja imagem se lhe apresenta, o que só consegue a attençaõ que nada mais é do que adaptaçaõ do psychico a um determinado objecto. Até aqui só me refiro a uma das formas em que RIBOT magistralmenté a dividio,—a forma natural, primitiva, fundamental da attençaõ espontanea (210).

Ainda sendo assim é sempre attençaõ um acto de anormalidade funcional, pois a condiçaõ basica do psychismo é a instabilidade e a principal caracteristica da attençaõ é a estabilidade. A attençaõ «qualidade mestra da intelligencia» (RIBOT) é um estado fixo, é um monoideismo relativo (pois os trabalhos HANS STANLEY provaram sua sequencia rythmica) o qual prolongando-se, dá logar a um determinado numero de perturbaçaõ, que bem traduzem seu antagonismo com a normalidade psychica. Todo mundo sabe quanto custam os esforços da attençaõ e o profundo estado de fadiga que se lhe segue.

Mas aqui já se passou a esphera da attençaõ natural, começa o dominio da attençaõ voluntaria, producto da educaçaõ humana e que nada mais é um prolongamento intensivo e duradouro da primeira. Enquanto que a primeira

é commum a todos os individuos humanos e até aos animaes (VAN ENDE) (211) a segunda é que mais particularmente em preoccupa por sua conveniencia exclusiva ao homem.

O funcionar psychico semelha ao desdóbrar ininterrupto de uma corrente murmura, a seriação frequente e rapida das imagens de um cinematographo, pois o movimento é a condição das transmorphasões, da instabilidade que é uma das condições indispensaveis da consciencia, «a propriedade psychica por excellencia» (LETOURNEAU). E' a associação de uma serie de imagens deixadas, impregnadas na substancia nervosa por uma modalidade funcional que produzio a influencia apropriada interna ou externa de uma condição estavel, determinando um systema de vibrações intimas em um dado sentido, que constitue o acto psychico. Estas impressões que são a memoria dependem como se vê de um acto de attenção, por sorte que ella torna-se um elemento basico da vida psychica. Na creança só ha psychismo quando ella pode attender aos objectos exteriores affirma PREYER. (212) A attenção é condição *sine qua non* da manifestações concretas do psychismo. Onde, porem, finta-se attenção com seo mais valioso escote, é nas formas mais superiores do pensamento na generalisação e na abstracção propriamente dita. De facto prestar attenção é seguir ininterruptamente uma serie de imagens, acompanhala sem um momento de abandono, ser-se escravo da ideia principal e directora.

Ora as ideias geraes podem ser devidamente agrupadas em imagens genericas sem palavras, imagen's genericas com palavras e palavras sem imagens o que é o gráo mais alto da abstracção, que é a abstracção propriamente dita. Esta divisão segue a ordem evolutiva, vem-se da imagem do objecto, a uma palavra ligada a imagem, que é o symbolo, do qual palavra se vae pouco e pouco desprendendo até viver propriamente inde-

pendente. Nesta serie até o segundo caso ainda ha concreção; o terceiro é o unico perfeitamente abstracto. Não se pode ser porem, em tão perfunctorio estudo, tão preciso. Ora estas phases superiores da abstracção exigem como mostrou Ribot, como condição de existencia a acção inhibitoria da attenção sobre os movimentos. (213)

Demais para separar-se uma qualidade de um objecto ou de um certo numero delles, independentemente das propriedades que os distinguem, é preciso poder-se attentar detidamente neste objecto e nesta propriedade, e conseguir pol-a longa e demoradamente em si mesma. A creança, como o selvagem, em que pese a affirmacção contraria de Taine (214), é incapaz de generalisação, justamente porque sua attenção é fraca, debil e fugitiva. Urge que eu faça notar que não desconheço que existe uma faculdade de generalisar inferior, commum aos animaes (LETOURNEAUX) (215), sem a qual não ha vida psychica possivel, mas aqui eu refiro-me a generalisação mais perfeita até a faculdade da abstracção no sentido philosophico que lhe deu SPENCER. (216)

Compreende-se consequentemente que desde que fraqueie a attenção, desde que suas interrupções sejam mais prolongadas, desde que ella se gaste mais depressa, a abstracção senão inferior, mas a superior é impossivel. Para estas formas superiores das manifestações psychicas a forma de attenção preferida é a mais intensa no tempo, é a duradoura, que por outro lado é menos compativel com a maior intensidade da excitação. A tensão cerebral latente que se desenvolve pela attenção irrompe n'uma faisca intensa que apanha os principaes traços em um momento, mas que para logo desaparece quando o excitante é forte, emquanto que se prolonga quando este é menos intenso. Este phenomeno notado por todos dá razão a MAUDSLEY e LEWES quando

vêm na atenção um simples reflexo. Não é preciso demonstrar o facto que venho indicando, todo mundo sabe quanto é fugitiva a atenção intensa, chamada em geral pelo excitante forte.

Em nossos climas as excitações ambientes estão neste caso e comprehende-se que justamente por isto a atenção deve ser menor. Mas não é só isto. O universalmente admittido e a pathologia dá disto evidente prova, é que a atenção acarreta hyperhemia para os organs cerebraes, pelo augmento de intensidade da funcção do organ (RIBOT) (217), o que o clima deve entravar, como se deduzio já. Emfim o cerebro cansado pelas excitações ambientes, enfraquecido pela menor irrigação normal sanguinea ou por fugitivos exaggeros anormaes della, ferido pela maior toxidez do sangue, se responde celere a excitação que o chama, esta resposta não perdura e furta-se assim as escogitações prolongadas, as formas detidas da atenção cuidadosa, ás associações complicadas das abstracções superiores.

*
* *

Traçado já em esboço largo o estadio degradado do christianismo do portuguez aqui importado, dito em breve synthese o gráo do desenvolvimento do africano e do aborigene e mostrado o fundo feiticista de seo polytheismo quiçá primitivo, não será difficil prever-se a consequencia

A herança, na accepção que meu talentoso amigo A. PEIXOTO (218) chamou tão bem de sociologica, tinha de fatalmente aproveitar os elementos basicos destes estadios, fazendo nelles predominar a tendencia a concretacção grosseira do feiticismo e das superstições.

Meu mestre Professor NINA RODRIGUES, autoridade no assumpto, accentua esse facto de transfusão, de verdadeira mestiçagem religiosa. (219)

O primeiro phenomeno a assignalar digno de acurada attenção é que pela coacção que soffrerem desde seu inicio, provinda da intolerancia pathologica dos seus senhores, conversos ao christianismo officialmente, mas comprehendendo mal seus dogmas eminentemente espirituaes, eram os negros e indigenas feiticistas, fieis a sua crença ingenua no intimo. Por isso soffreo o animismo feiticista dos negros do Brasil, que perdurou, pois a influencia do incola desapareceo ahí, o mais interessante phenomeno de mimetismo social, por forma a mais parecer uma degradação inventada da má comprehensão do catholicismo que propriamente a mestiçagem de duas religiões tão evolutivamente differentes.

Pela necessidade de continuar as praticas, *orisas* e *santos* se confundiram externa, escandalosamente, ainda que na mente dos adoradores não fosse profunda, nem nitida sua confusão, pois que indifferentemente cada *santo* era referido a uma entidade qualquer de sua forma religiosa.

Os que se seguiram (e nas praticas que assisti em dous terreiros apenas vi um ou dous africanos, para mais de 30 crioulos e mulatos, e noutro um numero pouco maior e que são como se vê todos filhos do Brasil) pela predominancia da educação catholica e no receio do ridiculo põem as entidades do catholicismo muito acima dos seus *santos*, de sorte que as praticas já fazem sinceramente corresponder a determinados actos catholicos, introduzindo sempre em seu ceremonial missas e promessas cumpridas com o mais extraordinario respeito.

De facto, como assignalou NINA, era natural que o negro, em contacto com uma forma religiosa superior, soffresse

sua influencia em seo animismo rudimentar, adaptando esta forma superior para tornal-a assimilavel, materializando-a emfim, parecendo-me que essa influencia foi mais uma questão de mimetismo religioso que crusamento propriamente.

Por outro e eu abrevio, era inevitavel o contra-golpe. A religião superior, embora odiando estas praticas inferiores, abominando-as mesmo, tarde ou cedo viria a soffrer sua influencia. A infiltração destas idéas feiticistas mascaradas, se deo pelo meio domestico na influencia das criadas e mucamas que vão inconscientemente moldando-as em os cerebros malleaveis das creanças. Não é só o mestiço, é geral a tendencia feiticista, religiosa no Brasil ainda que as praticas cultuaes sejam perseguidas pelo ridiculo.

Sob a acção enervante do clima, sob o qual «qualquer trabalho intellectual é um martyrio», vivendo na luxuosidade de uma vida tropical a mais exuberante, onde se lhe deparam os elementos de vida com pouco trabalho, seguindo o curso de rios e regatos fecundissimos, podendo mercê da facilidade da subsistencia levar uma vida descansada, desapercibida de aspirações, não havendo nem mesmo nas cidades o movimento avassalador das grandes populações em que a lucta pela existencia torna-se mais e mais encarnçada, vivendo por consequencia uma vida relativamente facil, pouco se afez o brasileiro quer nos sertões, quer nas cidades, quaesquer que sejam suas posições sociaes, até por consequencia da influencia do elemento escravista nas classes superiores que inutilisava o trabalho do branco, a vida activa e afanosa. Dahi tambem uma outra caracteristica do brasileiro a indolencia, especialmente a indolencia mental que lhe inibe de todos os esforçados tentames de arrojados planos, parecendo que o aventureiro do portuguez com o nomadismo do indio foram factores perdidos na fusão nacional.

De tudo já se vê que o brasileiro é em geral pouco apto ás abstracções das religiões superiores. Suas tendencias eminentemente concretas em tudo se revelam.

Não quero com isto dizer que o brasileiro seja mais supersticioso que o italiano ou melhor que o chinês ; não, o que eu quero affirmar é que as degradações inferiores das religiões superiores, morphisadas nas superstições, são vastas e profundas e que actuam fundamente nos espiritos, são as dirigentes, os constringentes extremos de todos os seus actos.

Disto é talvez responsavel em grande escala a permanencia e difficil eliminacão, mesmo impossivel, do africano no meio, que legando toda esta affectividade inconsciente e fiel, dedicada e sem reticencias, todo este desinteresse que os rigores do captivo favoreciam — manifestações que são as primeiras nas formas evolutivas do senso moral, já por ellas, já pelo ensinamento de cada dia, plantou no espirito as fundas raizes das superstições dos brasileiros.

As reformas do protestantismo não tiveram nem poderam ter no Norte do Brasil forte vitalidade, já pelo seu pequeno numero, já pela insuperabilidade primeva das convicções. De sorte que o elemento sacerdotico, procurando, para tornar mais comprehensivel as abstracções superiores da moral christã ao povo deu-se concretisal-as mais e mais, chegou a especulacão religiosa, das *medidas, bentinhos* e orações, tudo facilitado pela idolatria da liturgia em que a paramentacão espantosa pede meças as influencias mais ou menos suggestivamente deprimentes e avassaladoras, desde o hymnario monotomo e hypnotisante do organ até as inebriantes fumaradas dos incensarios, transformado no culto mais a mais concreto, ao lado das influencias da herança sociologica religiosa, favorecida pela encandecido das imaginações, que inaptas ao trabalho cuida-

doso e attento dos factos, mais visam a sobrenaturalidade que o normal, por sua aptidão concreta e plantou desde o africano feiticista puramente até o branco superior e catholico a superstição nos bentinhos, benzimentos, santos *et reliqua*, que adiante farei resaltar

Em summa.

Peiado pelas suas tendencias psychicas, pela herança sociologica, pela influencia do meio, pela má educação, pela hereditariedade religiosa, o brasileiro do Norte tende ao mais perfeito concretismo, manifestação inferior pois, como já evidenciei, é uma lei basica do desenvolvimento intellectivo, a passagem do concreto ao abstracto.

Esta é a expressão typica da evolução religiosa. Do animismo grosseiro, do feiticismo o mais rudimentar se vae até as fórmulas mais evidentemente abstractas do monotheismo e das theosophias.

(Aqui não vem de molde nem em episodio, o estudo detido da genese e da evolução religiosa e que constituirá o assumpto de outro capitulo (220)).

As manifestações concretas nas religiões superiores, revestem as fórmulas de superstições. De facto a superstição, na sua accepção mais lata, é uma degradação concreta de uma manifestação religiosa superior; é feitisação de uma crença mais elevada.

Em nada se distingue o feiticista do supersticioso, ambos vêm em substancias inanimadas, fontes sobrenaturaes ou forças mysteriosas, agindo por meios ainda mais mysteriosos.

O feiticista tem seu feitiço; supersticioso tem seu *bentinho*, seu *patuá*, o seu *rosario* protector. Demais um facto de regressão sociologica notado nos primordiaes da manifestações religiosas é a universalidade dos effeitos de suas superstições. No inicio de sua formação a religião absorve a

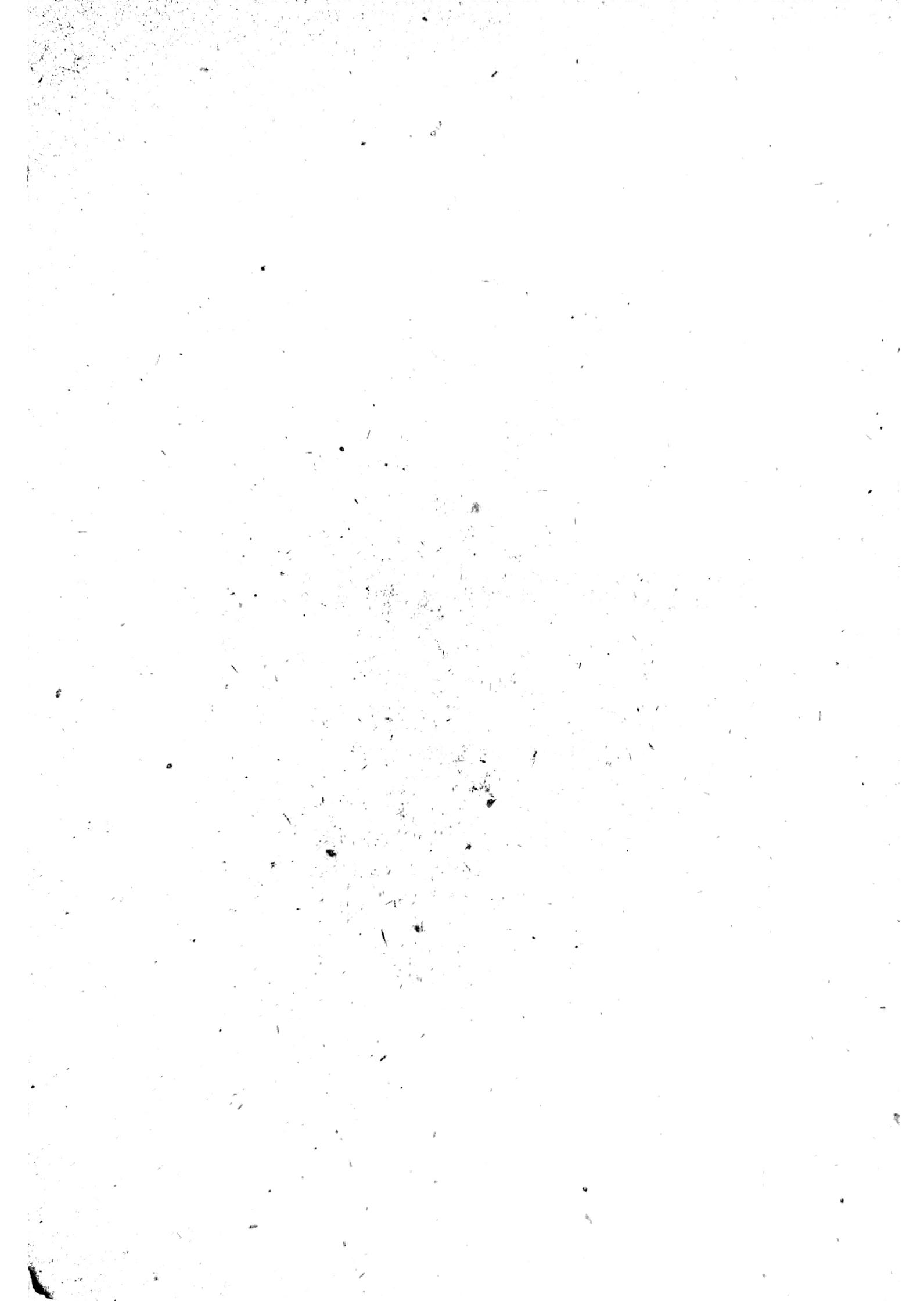
vida inteira do individuo. Com o supersticioso se dá este facto. E a tendencia concreta do brasileiro do norte em religiosidade não é facto por provar-se.

O jogo dos bichos deu disto a prova mais evidente; os sonhos, as explicações fantasticas foram meios de palpites. Não conheço homem religioso, por mais superior que não se ligue ao bentinho, ao rosario, que nem de longe, que não necessite da excitação continua o que é expressão do concretismo. De 300 casas que percorri, 252 tinham imagens e resas protectoras nas portas e nas janellas. 80 % dos bahianos usam bentinhos e amuletos.

Vinha ao correr o tratar do valore da extensão dos elementos perfunctoriamente afluadas, mas um conluio perfido de circumstancias, nas quaes predomina a necessidad de apresentar este trabalho em pouco tempo e a difficuldade de fazel-o o que o determinou desamanho e a precipitação destas linhas, impedio-me realisar o que desejava, promettendo com os materiaes, ora aqui expostos tentar um estudo de religião e crime no Brasil (norte) a que voltarei muito breve.

Terminando resumo minhas theses: as formas concretas da religiosidade, tão frequentes no norte do Brasil, reconhecem por causa: a raça, o meio physico e principalmente a herança religiosa bem como a educação.





PROPOSIÇÕES



PROPOSIÇÕES

Historia Natural Medica

I

Na escala animal o systema nervoso reveste quatro formas, gradativamente mais perfectas: *disseminada, irradiada-bilateral, ventral, e mediana dorsal.*

II

Nos Protozoarios ainda não ha localisação nervosa.

III

A localisação do systema nervoso só se dá dos Celerados em diante.

Chimica medica

I

A *lecithina*, cuja forma é $C^{44} H^{90} NPO^2$, é o *distearyl-glycerinophosphato de cholina* (STRECKER).

II

Ha varias especies de *lecithina*, porque o radical *distearyl* pode ser substituido por outros radicaes de acidos gordurosos fixos.

III

Tem funcção basica e acida.

Materia medica, pharmacologia e arte de formular

I

A complicação das reacções da chimica viva condemna a complexidade das formas pharmaceuticas.

II

O ideal da pharmacodynamica é a especificidade (*monopharmacia*).

III

Consequencia de reacções bio-chimicas desconhecidas a acção medicamentosa é modificada por factores individuaes.

Anatomia descriptiva

I

De accordo com VAN GEHUCHTEN e baseiado em dados embryologicos, se deve dividir o encephalo em tres porções: anterior ou *Prosencephalo*, media ou *Mesencephalo* e rhomboidal ou *Rhombencephalo*.

II

No *Prosencephalo* ha duas porções: a terminal ou *telencephalo* e a intermedia ou *diencephalo*.

III

O *Rhombencephalo* comporta tres divisões: o *isthmo rhombencephalico*, o *metencephalo* e o *myelencephalo*.

Anatomia medico-cirurgica

I

Na topographia cranio-encephalica nenhum processo isolado tem valor. O melhor é o ecletico, que se constitue com os elementos mais seguros fornecidos pelos outros.

II

A determinação da extremidade superior do sulco rolandico pelo processo de CHAMPIONIÉRE, da extremidade inferior pelo processo allemão, com a modificação de POIRIER, da scisura de Sylvius pela linha de POIRIER, da meningéa media pela indicação dos centros de GERARDT, MARCHANT e KRCENLEIN, da zona cerebellosa pelas indicações de POIRIER constituem seus elementos basicos.

III

Esse processo é passivel, entretanto, de censura, não só por sua complicação, como porque não tem em vista as variações craniotopographicas consequentes de variações ethnicas e individuaes.

Histologia

I

A unidade nervosa elementar é o *neurônio* (WALDEYER) cujos prolongamentos se terminam por livres ramificações.

II

Tem sido negado que os *cyllindro-eixos* sejam restrateis, o que invalida as theorias de LÉPINE e DUVAL. Esta propriedade parece existir, porem, nos prolongamentos protoplasmicos.

III

Tem todas chances de plausibilidade a hypothese de TANSI, que affirma a hypertrophia e consequente facilidade de contacto dos neuronios pela educação.

Physiologia

I

A dôr é uma forma do sentimento, de um tom affectivo, associada sempre a uma sensação tactil, muscular, articular, tendinosa, etc.

II

Não podem, pois, existir órgãos periphericos, nem nervos especiaes, nem centros de percepção separados e distinctos no cerebro para consciencia desta modalidade de sensibilidade geral (DANA).

III

A observação clinica e anatomo-pathologica do caso de EDINGER parece provar a existencia de dores de causa central.

Anatomia e physiologia pathologicas

I

A amyotrophia de CHARCOT e MARIE pode apresentar lesões nos musculos unicamente (OPPENHEIM).

II

Lesões nos musculos, nos nervos (DUBREILH).

III

Lesões nos músculos, nos nervos e nos cordões posteriores (VIRCHOW e MARINESCO).

Bacteriologia

I

O plemorfismo bacteriano é uma verdade incontestada.

II

O pathogenismo vem ser uma propriedade facultativa á bacteria.

III

As transformações do *coli communis* e os trabalhos de RODET e ROUX (Lyon) sobre sua identificação com o bacillo de EBERTH-GAFFKY são uma prova brilhantissima do que affirmo.

Obstetricia

I

A eclampsia é um syndroma epileptiforme.

II

Sua differenciação da epilepsia é bastante difficil.

III

Sua confusão com a grande hysteria é facil.

Pathologia cirurgica

I

As nevralgias da face indicam as intervenções precoces para evitar a propagação central das lesões, a qual traz a incurabilidade.

II

São indicadas as nevrectomias francas com arrancamento das extremidades neuricas.

III

O nervo deve ser atacado o mais proximo dos centros possivel.

Pathologia medica

I

Não ha asthma idiopathica.

II

O beriberi é um syndroma clinico.

III

A hysteria é um syndroma clinico.

Operações e aparelhos

I

Prefiro a ischio-pubiotomia á symphyseotomia.

II

São raras as indicações da operação cesariana.

III

Casos ha, porém, em que só a associação das tres consegue preencher indicações urgentes.

Therapeutica

I

Além do possivel tratamento etiologico, a *reeducação dos movimentos* é um meio de grande valor no tratamento das perturbações do movimento coordenado.

II

Suas indicações principaes são: o tabes, a esclerose em placas, a chorea, a athetose, os tremores hystericos, a paralysisia e a hemiplegia hystericas, a astasia-abasia e a nevrose traumatica.

III

Para dar bom resultado, porém, é preciso não haja atrophias musculares, paralysisias, retrações fibro-tendinosas, arthropathias e perturbações trophicas e da sensibilidade.

Hygiene

I

Na etiologia da myopia a má hygiene escolar occupa o lugar de honra.

II

As causas de natureza a facilitarem seo desenvolvimento referem-se á inconveniente illuminação do edificio, á desapropriada construcção da mobilia, á má posição da

escripta, á inadequada impressão dos livros e á attitude viciosa.

III

As escolas da Bahiá, com raras e problematicas excepções, realisam ás mil maravilhas, além de outras deploraveis condições ante-hygienicas, as que acabo de enumerar.

Medicina Legal e Toxicologia

I

O factor religioso é um elemento principal na etiologia do crime no Brasil.

II

O factor religioso é attenuante da imputabilidade.

III

A religiosidade só favorece e alimenta o crime em suas manifestações concretas.

Clinica propedeutica

I

O sonho é um elemento semeiotico de algum valor.

II

O fundamento de tal pensar está em que durante o somno predominam as excitações cœnesthesicas sobre as periesthesicas.

III

Creio, entretanto, que seo valor prognostico é nullo.

Clinica cirurgica (1.^a Cadeira)

XI

I

A cystotomia supra-pubica é a operação de escola; a lithotricia de necessidade.

II

Só se deve recorrer á lithotricia quando fôr necessario o minimo trauma operatorio ou quando o estado das vias urina-rias superiores o indicar.

III

Na infancia mesmo prefiro a talha á lithotricia.

Clinica cirurgica (2.^a Cadeira)

I

A pleurotomia deve ser precoce.

II

A pleurotomia deve ser aseptica.

III

O valor therapeutico da pleurotomia é relativo.

Clinica medica (1.^a cadeira)

I

Não ha anemia devida exclusivamente a condições meso-logicas tropicaes.

II

A ankylostomiase explica a maioria destas pretensas anemias tropicaes.

III

O facto de inefficacia do tratamento antiseptico isolado, sem a medicação reconstituente, não é argumento plausivel.

Clinica medica (2.^a cadeira)

I

Por incuria profissional ou erro diagnostico se incluem no vasto quadro das affecções palustres entre nós simples intoxicações gastro-intestinaes.

II

O tratamento pelo quinino não é meio de prova, porque, além de parasiticida especifico, o quinino é antithermico.

III

O unico meio de diagnostico inilludivel é o exame hematico. (LAVAN).

Clinica obstetrica e gynecologica

I

Entre as psychoses puerperaes mais frequentes está a catatonia.

II

A stupemania de DAGONET é a propria catatonia de KALHBAUM.

III

Ha meios de evital-a.

Clinica pediatrica

I

A meningite tuberculosa é a mais grave e frequente das meningites da 2.^a infancia.

II

Vi intervenções em tuberculosos locais darem lugar a seu aparecimento.

III

Seu negro prognóstico é apenas modificado por fracas esperanças que dá a therapeutica cirurgica.

Clinica ophtalmologica

I

O sentido da vista tem uma importancia preponderante na operação complexa da orientação subjectiva.

II

A má localização dos objectos no inicio dos diplopias compromette-a grandemente.

III

A desorientação objectiva pode trazer uma desorientação subjectiva que se traduz por vertigens (BONNIER).

Clinica dermatologica e syphiligraphica

I

As erupções cutaneas de origem nervosa têm como caracter differencial sua localização em territorio corres-

pondente a um nervo peripherico, raiz ou metamera medullar determinada.

II

Entre ellas a mais importante é o *herpes zoster*, que se caracteriza pela apparição de grupos de vesiculas em uma pelle vermelha, edemaciada e papulosa.

III

Essas erupções são symptomaticas de uma lesão em foco no nervo, plexo, raiz ou medulla, baseiando-se o diagnostico differencial não só na concomittancia de outros symptomas e na noção etiologica, como tambem na sua localisação e disposição.

Clinica psychiatrica e de molestias nervosas

I

Na therapeutica psychiatrica moderna a klinotherapie desempenha notaveis funcções, como o melhor factor da cura.

II

E' principalmente indicada nas psychoses agudas, em que a necessidade de repouso physico e psychico se impõe.

III

Seo emprego tem sido generalisado á epilepsia (NEISSER e MAGNAN) á hysteria, (WEIR MITCHEL), á neurasthenia como a todos os episodios agudos das psychoses chronicas.

*Visto—Secretaria da Faculdade de Medicina
da Bahia, 4 de Novembro de 1902.*

O Secretario,

Dr. Menandro dos Reis Meirelles.

954